



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

LUIZ PEREIRA DE SOUSA

**A LITERATURA ERÓTICA E SEUS PROCESSOS DE
CLASSIFICAÇÃO**

FORTALEZA

2009

LUIZ PEREIRA DE SOUSA

**A LITERATURA ERÓTICA E SEUS PROCESSOS DE
CLASSIFICAÇÃO**

Monografia apresentada à banca examinadora da Universidade Federal do Ceará, como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientação: Professor Dr. Luiz Tadeu Feitosa.

FORTALEZA

2009

LUIZ PEREIRA DE SOUSA

A LITERATURA ERÓTICA E SEUS PROCESSOS DE CLASSIFICAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia

Aprovado em: ____ de _____ de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa – Orientador
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Esp. Hamilton Rodrigues Tabosa
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Jefferson Nunes Veras
Universidade Federal do Ceará – UFC

Dedico esse trabalho à minha mãe, que esteve e continua sempre presente em todos os momentos de minha vida. Sem seu incentivo, dedicação e apoio seria impossível seguir adiante. Esta pequena vitória é apenas mais uma das que conquistamos juntos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me trouxe à vida; à vida que me trouxe inteligência; à inteligência que me trouxe até aqui.

Aos fabulosos ingressantes do primeiro semestre do ano dois mil e três, e aos que se incorporaram à caminhada, sem os quais o aprendizado na minha graduação teria sido bem menos fecundo, estimulante e divertido: Isabel Eloy, Erdenha Meire, José Maria Calixto, Nonato, Talita, Leda Carlos, Sérgio Ricardo, Paulo André, João Paulo, Marina, Leandro, Ewerly Magna, Kátia Marreiro, Nilma, Vasco Robson, Jairo, Josy Moreno, Mauricio, Sirlândia, Romulo, Eduardo Cineasta, Maria e tantos outros.

Ao Professor Luiz Tadeu Feitosa, cuja orientação precede, sucede e transcende este trabalho.

Aos amigos que me incentivaram a retomar o desafio de concluir este trabalho, especialmente Xavier, Lorena Raquel, Roberto de Carvalho, Karol, Clebio Barbosa, João Luis, Jonatas Carvalho, Patrícia Alvarenga, a bibliotecária do CEFET-CE Etelvina.

Aos professores que tive nesses anos de formação em Biblioteconomia, que com atos e palavras, souberam descortinar a beleza da missão de ser bibliotecário e transmitir a sensação de plenitude e a responsabilidade que acompanham a descoberta do conhecimento. À Professora Fátima Fontenele pela prestimosa ajuda.

Aos conhecidos e anônimos cujos caminhos se cruzaram com este que ora se conclui, pelo incentivo e auxílio, tantas vezes invisível, na esperança de que eu possa ter deixado em suas vidas uma parcela mínima do que deixaram na minha.

“A promiscuidade das representações do obsceno gerou o desejo por barreiras, catalogações, novas classificações e censura. Em outras palavras, a pornografia surgiu em resposta à ameaça da democratização da cultura.”

- Linn Hunt

RESUMO

Descreve a história das classificações filosóficas e bibliográficas. Apresenta as tipologias das classificações bibliográficas. Aborda os conceitos fundamentais dos termos usados nas classificações bibliográficas. Destaca o surgimento da cultura na visão antropológica e sua evolução, base a partir da qual as reflexões serão feitas, já que se parte do pressuposto que as nossas marcas culturais podem influenciar nossos modos de ver as coisas, inclusive de classificar. Identifica as diferenças etimológicas dos termos pornografia e erotismo. Como recurso metodológico, analisam-se as classificações de obras da literatura mundial com temáticas eróticas, a fim de observar como estão classificadas em sebos e na Fundação Biblioteca Nacional e como foram classificadas pelos alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Conclui afirmando sobre a importância da interdisciplinaridade curricular como forma de uma melhor formação dos futuros bibliotecários, principalmente levando em conta estudos de antropologia cultural nos currículos.

Palavras-chave: Classificações Filosóficas. Classificações Bibliográficas. Processos Culturais. Literatura Erótica.

ABSTRACT

Describes the history of classification and philosophical literature. Presents the types of classification bibliography. Addresses the fundamental concepts of the terms used in bibliographic classifications. Highlights the emergence of culture in the anthropological and its evolution, the basis on which the deliberations will be made, since it assumes that our brands can influence our cultural ways of seeing things, including sorting. Identifies the differences etymological terms of pornography and erotica. As a methodological approach, we analyze the classifications of works of world literature with erotic themes, in order to observe how they are classified as fats and the National Library and they have been classified by the students of Library Science at the Federal University of Ceará. He concludes by affirming the importance of interdisciplinary curriculum as a way of better training of future librarians, especially taking into account studies of cultural anthropology in the curriculum.

Keywords: Philosophical Reviews. Bibliographical Classifications. Cultural
Processes. Erotic Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Capa do livro As idades do prazer.....	49
Figura 02	Capa do livro Memórias do pinto.....	51
Figura 03	Capa do livro Entrevistando Jenifer: bastidores da iniciação eróticas de certas meninas.....	54
Figura 04	Capa do livro Sacher-Masoch.....	56
Figura 05	Capa do livro A História de O.....	58
Figura 06	Capa do livro Henry e June: delírio eróticos.....	60
Figura 07	Capa do livro Transplante.....	62
Figura 08	Capa do livro Os Cogumelos mágicos de Xaviera.....	64
Figura 09	Capa do livro Uma Mulher escandalosa.....	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BN – FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

CDD – CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWY

CDU – CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	CLASSIFICAÇÕES: HISTÓRIA, TIPOS E DEFINIÇÕES.....	14
2.1	Classificações Filosóficas.....	16
2.2	Classificações bibliográficas.....	17
2.2.1	<i>História das Classificações Bibliográficas.....</i>	18
2.3	Tipos de Classificações Bibliográficas.....	21
2.3.1	<i>Classificação Facetada.....</i>	21
2.3.2	<i>Classificação Decimal de Dewey.....</i>	22
2.3.3	<i>Classificação Decimal Universal.....</i>	23
2.3.4	<i>Classificação de Cutter.....</i>	24
2.3.5	<i>Classificação da Biblioteca do Congresso.....</i>	25
2.3.6	<i>Classificação de Brown.....</i>	25
2.3.7	<i>Classificação de Bliss.....</i>	26
2.3.8	<i>Classificação de Ranganathan.....</i>	27
2.3.9	<i>Classificação Especializada.....</i>	28
2.3.10	<i>Índice.....</i>	29
2.4	Conceitos Fundamentais dos Termos Usados nas Classificações Bibliográficas.....	29
2.5	Sistemas de Classificação.....	32
3	A DINÂMICA DA CULTURA.....	34
3.1	Como Surgiu a Cultura para Alguns Antropólogos.....	34
3.2	A Evolução da Cultura.....	35
3.3	Tipos de Cultura.....	36
3.4	A Moral como Substrato da Cultura.....	38
3.5	A Moral segundo a Psicologia Evolucionista.....	39
3.6	A Moral e a Filosofia.....	42
3.7	A Moral e a Religião.....	43
4	ISSO É PORNOGRÁFICO, AQUILO É ERÓTICO.....	45
4.1	A Literatura Erótica e sua Classificação.....	48
4.1.1	<i>As Idades do Prazer.....</i>	49
4.1.2	<i>Memórias do Pinto.....</i>	51

4.1.3	<i>Entrevistando Jenifer: bastidores da iniciação erótica de certas meninas.....</i>	54
4.1.4	<i>Sacher-Masoch.....</i>	56
4.1.5	<i>A História de O.....</i>	58
4.1.6	<i>Henry e June: delírios eróticos.....</i>	60
4.1.7	<i>Transplante.....</i>	62
4.1.8	<i>Os Cogumelos Mágicos de Xaviera Hollander.....</i>	64
4.1.9	<i>Uma Mulher Escandalosa.....</i>	66
4.2	Análises dos Futuros Classificadores a partir dos questionários....	67
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
	REFERÊNCIAS.....	78
	APÊNDICES.....	80
	ANEXOS.....	83

1 INTRODUÇÃO

Em 1916 foi estabelecido por James Duff Brown que a classificação é um processo mental executado constantemente por qualquer ser humano de forma consciente ou inconsciente. Isto nos leva a crer que o profissional bibliotecário, quando no momento de classificar uma obra literária estará consciente do seu ato e de como suas escolhas afetará na busca e recuperação daquela obra pelo usuário, que deve ser a sua principal preocupação naquele momento.

Diante deste fato surgiu a curiosidade de se trabalho não se debruçar sobre o fazer profissional do bibliotecário, mas, refletir acerca do que pode estar em jogo nos momentos de classificação. Apesar de este levar em conta as complexidades culturais dos processos de classificação, fica a questão sobre qual seria a postura do profissional bibliotecário diante da tarefa de classificar uma obra de cunho erótico. Este processo mental seria executado de forma consciente ou inconsciente? Até que ponto os processos culturais, sejam de caráter pessoal, familiar ou religioso, afetariam na sua escolha por uma classificação mais coerente com a obra em questão?

Após as primeiras pesquisas em banco de dados de bibliotecas on-line nos deparamos com uma classificação no mínimo estranha. A obra “A Casa dos budas ditosos”, do autor brasileiro João Ubaldo Ribeiro, está classificada com o número 241.44. Este código numérico está relacionado à “Teologia moral cristã” na Classificação Decimal Universal (CDU), que é usada na instituição onde a obra foi encontrada (ver anexo).

Sabendo que os processos de aprendizado que adquirimos através dos diversos processos sociais é que determinam as inclinações para o estabelecimento de preceitos e códigos morais, procuramos elucidar até onde estes processos culturais interferem na subjetividade do classificador no momento em que se vê diante da tarefa de classificar uma obra de literatura cuja narrativa esteja sob uma ótica do erotismo, velado ou explícito, e que contenha palavras chulas ou de baixo calão. Isto levando em conta que todo classificador – no âmbito da Biblioteconomia e de seus cursos de formação profissional – tenha conhecimento das mais variadas possibilidades de classificação adotadas pelos códigos classificatórios que lhe são apresentados ao longo de sua vida acadêmica ou mesmo profissionais e sua

responsabilidade ética para com o autor da obra e também para com o usuário que escolher esta obra para leitura.

A presente pesquisa tem como finalidade levantar questionamentos de ordem cultural ou subsídios teóricos conceituais para futuros debates acerca da questão: Até onde os processos culturais interferem na classificação da literatura erótica pela biblioteconomia e seus processos classificatórios?

Na impossibilidade de trabalhar com profissionais bibliotecários nos atos de seus processos classificatórios, resolveu-se elaborar uma pesquisa junto aos alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Optamos por fazer um questionário que aglutinasse questões relacionadas aos diversos processos culturais, sejam pessoais, sociais, religiosos ou familiares. O questionário foi aplicado junto aos alunos da disciplina Linguagens Documentárias Alfanuméricas. Como exercícios práticos foram escolhidos 09 livros da literatura mundial onde a temática principal abordasse o erotismo ou assuntos correlatos, para que fossem classificados pelos discentes da disciplina e futuros bibliotecários. Cada obra foi pesquisada em diversos sites na internet e na Fundação Biblioteca Nacional (BN), analisando-se as várias formas como estavam classificadas, bem como em sua ficha catalográfica, quando encontrada em sua folha de rosto. A análise técnica ficou a cargo da professora Fátima Fontenele, titular da disciplina acima mencionada.

Para que o leitor tenha um conhecimento sobre as classificações bibliográficas, encontra-se no capítulo um deste trabalho uma pequena pesquisa histórica sobre as várias classificações, bem como suas teorias e tipologia. No capítulo dois analisamos os processos culturais e suas implicações nas escolhas que fazemos ao longo de nossas vidas e no âmbito profissional.

Este trabalho não tem a presunção de encontrar respostas para o porquê de existir tantas classificações para uma mesma obra, apenas procura subsidiar debates sobre as mais diversas influências dos processos culturais nas escolhas de códigos de classificação pelo profissional bibliotecário para a literatura erótica e como a interdisciplinaridade curricular auxilia neste contexto.

2 CLASSIFICAÇÕES: HISTÓRIA, TIPOS E DEFINIÇÕES

A antiga arte de classificar, tão antiga quanto a humanidade, apenas recentemente adquiriu uma base teórica adequada - base esta que nos permite presumir que ela progrediu do status de arte para o de ciência.

Quando apenas uma arte, a classificação foi aplicada de diversos modos e formas à medida que nosso conhecimento se desenvolvia. Deixou suas marcas em todos os arranjos sistemáticos que entraram na composição dos trabalhos de grandes filósofos, a começar pelo Indic Vedas, a Bíblia, as coleções enciclopédicas de tudo o que era conhecido numa determinada época, como por exemplo, a enciclopédia do egípcio Amenope (1250 a.C.) e de Caius Plinius Secundus (23-79 d.C.), e ainda as grandes enciclopédias da Idade Média, como as de Isidro de Sevilla, Vincent de Beauvais, Bartholomaeus Anglicus, Brunetto Latini e as da Renascença, como as de Georg Valla, Rafael Maffei, Johann Heinrich Alsted, Wolfgang Ratke. Todos esses trabalhos foram organizados sistematicamente, o conhecimento neles apresentado era organizado segundo alguma idéia pré-concebida. A última enciclopédia dessa fase do desenvolvimento da classificação foi a de Diderot e D'Alembert (1751-1780), que apresentava-se não só numa forma sistemática mas também - como uma inovação - numa ordem alfabética.

Classificação significa basicamente a ação de classificar, que por sua vez quer dizer ordenar e dispor em classes. No dia-a-dia de qualquer pessoa sempre ocorre algum processo de classificação, seja na arrumação de peças de vestuário por finalidades, cores ou tamanho ou numa ordem que se dá aos documentos por finalidades.

Para Souza a classificação é o “processo de reunir coisas, idéias ou seres em grupos de acordo com seu grau de semelhança” (2004, p.13) ou como diz a Edição-Padrão Internacional em Língua Portuguesa, “é um meio de introduzir ordem numa multiplicidade de conceitos, idéias, informações, organizando-as em classes, isto é, em grupos de coisas que têm algo em comum” (*apud* SOUZA, 2004).

Deste pressuposto, podemos afirmar que uma classificação consiste em um numero de elementos quaisquer (objetos e idéias) que possuem alguma característica comum pela qual devem ser diferenciadas de outros elementos. A definição e a seleção de classes é que determina a utilização do tipo de classificação a ser utilizada, portanto, a classificação é um processo mental por meio

do qual podemos distinguir coisas, seres ou pensamentos pelas suas semelhanças ou diferenças e agrupá-las por classes de acordo com as relações estabelecidas entre si ou colocar as coisas em uma ordem lógica.

Sabendo que a classificação põe em ordem o conhecimento produzido pela humanidade, pois como diz Langridge (1977, p. 11), “sem classificação não poderia haver nenhum pensamento humano, ação e organização que conhecemos. A classificação transforma impressões sensoriais isoladas e incoerentes em objetos reconhecíveis e padrões recorríveis”.

Temos que conhecer a necessidade da existência de teorias mais detalhadas que representem o conhecimento das propriedades e características dos objetos que se pretende classificar. É necessário definir o propósito da classificação para eliminar as propriedades que sejam relevantes e enumerar aquelas que permitem fazer a distinção entre os objetos. Daí pode-se admitir que classificar é associar objetos idênticos e separar objetos diferentes.

Os sistemas de classificação podem ser divididos de vários modos, conforme a característica tomada por base desta divisão.

Segundo o tipo de característica ou qualidade escolhida para base da classificação, podem ser: naturais, quando derivadas da aplicação de característica natural, ou inseparável do objeto, e artificial, originada de aplicação de características artificiais ou mutáveis.

Segundo o modo como foi compilado, podem ser dedutivos ou indutivos, subdividindo um todo nas suas partes ou reunindo os fenômenos em classes maiores até atingir a totalidade.

Segundo a finalidade os sistemas de classificação podem ser: filosóficos ou bibliográficos.

Segundo o campo de conhecimento que abrangem os conceitos incluídos, as classificações podem ser divididas em gerais e especializadas.

Dentro do campo de conhecimento, as classificações sofrem ainda uma subdivisão. As classificações gerais se dividem em filosóficas (ex: Bacon, Comte) e bibliográficas (Dewey, Bliss, Cutter, Raganathan). As classificações especializadas podem ser científicas (ex: classificação das plantas) ou bibliográficas (ex: *Classification for Medical Libraries*).

Além dos tipos de classificações citadas acima, ainda podemos enumerar uma outra nomenclatura para os sistemas de classificações: classificações analíticas

e documentais, classificações enumerativas e classificações facetadas (TRISTÃO, 2004)

Estas classificações descritas acima serão abordadas mais adiante neste trabalho, pois se pretende abordar os vários tipos de classificações bibliográficas para que se entenda os pontos principais desta pesquisa, que será esclarecido posteriormente.

2.1 Classificações Filosóficas

A história da classificação apresenta um curso muito longo e está, como todo o saber e o pensar humano, associada à Filosofia, a mãe de todas as ciências, das artes e, por que não dizer, das tecnologias. Daí ser muito natural que as primeiras tentativas de classificação surgissem no contexto filosófico.

Segundo Piedade, “denominam-se classificações filosóficas, classificações do conhecimento, classificações metafísicas ou classificações das ciências, as criadas pelos filósofos com a finalidade de definir e hierarquizar o conhecimento” (1983 p. 61). Os sábios acreditavam que tudo no universo estava em constante harmonia e que as causas estavam relacionadas com os princípios, existindo assim uma hierarquia entre as ciências que os estudam.

Para Richardson (*apud* PIEDADE, 1983, p. 61) a classificação teve início a partir do momento em que o homem começou a criar uma nomenclatura para as coisas, o que “fez do macaco um homem” e Platão foi o primeiro filósofo a classificar as ciências.

Para outros autores, Aristóteles foi quem iniciou a história das classificações ao dividir as ciências em *teóricas* (aquelas que constata a verdade: matemática, física, teologia), *práticas* (as que determinam regras para nossos atos: ética, economia, política) e as *poéticas* (retóricas e dialéticas).

Durante toda a história da humanidade vários filósofos deixaram sua parcela de contribuição no estudo das classificações, dos quais podemos destacar brevemente alguns nomes:

- Porfírio (filósofo grego, séc. IV) - aplicando o princípio de oposição de Platão e Aristóteles, apresentou uma classificação dicotômica para explicar o processo de divisão das classes, chamada “Árvore de Porfírio”, também conhecida

como “Árvore de Remée”, por ter sido divulgada no século XVI pelo filósofo francês Pierre de La Remée.

- Cassiodoro (468-575 a.C.) – Agrupou as ciências em Artes (ou ciências das palavras) e Ciências Reais (das coisas).

Para os bibliotecários, a classificação filosófica mais importante é a de Francis Bacon (1561-1626). Segundo Piedade (1983, p.63), Bacon dividiu as ciências de acordo com as finalidades humanas em jogo: a memória, a imaginação e a razão.

No século XIX, a classificação toma um caráter mais positivista fundamentada na natureza dos fenômenos, destacando-se as classificações de Comte (1798-1857) e Wundt (1812-1920).

2.2 Classificações Bibliográficas

Para um Sistema de Recuperação de Informação (SRI), talvez seja a classificação que mereça uma atenção mais detalhada, pois estabelece relações entre os documentos, facilitando a sua localização.

Sua finalidade principal é a “ordenação dos documentos nas estantes ou nos arquivos e a ordenação das referências nas bibliotecas ou das fichas nos catálogos” (PIEADDE, 1983, p. 65). Esta ordenação pode ser adaptada por cada profissional que usa do critério próprio e ordena os documentos segundo seu tamanho ou sua cor de encadernação, para citar um exemplo, mas sem ferir sua finalidade de localização da informação.

Entre os bibliotecários há uma disparidade de pensamento quanto à classificação bibliográfica ser filosófica ou não. Para muitos esta diferença dá-se no tocante que os documentos não são assuntos e não podem ser tratados do mesmo modo e um livro, por mais simples que seja, interessa a vários setores da classificação, além do que uma classificação do conhecimento é subdividida demais para as necessidades bibliográficas, obrigando os símbolos de classificação muito longos.

Sobre este assunto, Richardson (*apud* PIEADDE, 1983, p. 66) diz que “em geral, quanto mais próxima uma classificação chega de verdadeira ordem das ciências e quanto mais próxima se mantém dela, melhor será o sistema e mais longa será sua existência”. Já para Cutter (*id.*, p. 65) uma classificação do conhecimento é

que fará um autor de um sistema de ordenação de livros produzirem um trabalho de valor permanente.

Deixando de lado as várias opiniões sobre como pode ser feita uma boa classificação bibliográfica, não podemos deixar de citar as principais exigências para seu êxito em virtude das características próprias de cada documento e das divisões do conhecimento:

1. Uma classe que reúna as obras sobre todos os assuntos, subdividida pela forma do documento;
2. Subdivisões de forma, aplicáveis aos vários documentos;
3. Uma notação, isto é, um conjunto de símbolos para representarem os assuntos e permitir a ordenação lógica dos documentos;
4. Um índice para facilitar a consulta.

2.2.1 História das Classificações Bibliográficas

As primeiras notícias que temos de classificações de bibliotecas datam de antes da Era Cristã. Consta que os tabletas de argila (os livros da época) da biblioteca de Assurbanipal, rei da Assíria entre 669 e 626 a.C., estavam divididos em dois grandes grupos: Ciências da Terra e Ciências do Céu.

Entre os anos de 260 e 240 a.C., o chefe da biblioteca de Alexandria, Calímacus, poeta e sábio grego, considerado o primeiro bibliotecário de que se tem notícia, publicou um catálogo, o *Pinakes*, no qual os livros aparecem divididos segundo o tipo de autores: poetas, juristas, filósofos, historiadores, oradores.

As bibliotecas medievais mantinham os livros ordenados por tamanho ou em ordem alfabética pelos nomes dos autores, ou ainda cronológico.

Em 1545, Konrad Von Gesner, publicou a *Bibliotheca Universalis*, uma bibliografia universal, cuja segunda parte, conhecida como *Pandectarum*, ordenava os livros no *trivium* (artes ou ciências sermoniais) e no *quadrium* (ciências reais).

Lacroix Du Maine, em 1583, utiliza números decimais na organização da biblioteca de Henrique II, rei da França, com a idéia de criar uma biblioteca de 10.000 volumes, conservados em 100 estantes, contendo 100 livros cada.

Gabriel Maude, em *Bibliothecae Cordesianae Catalogue* (Paris, 1643), apresenta um esquema de classificação simples. Na mesma época, surgiu na França o chamado “Sistema Francês” ou “Sistema dos livreiros de Paris”, cuja

autoria é discutível, sendo atribuída a Jean Garnier, a Gabriel Martin e a Ismael Bouilliau. Essa classificação foi muito utilizada pelos livreiros que a modificaram, como Prosper Marchand e Guillaume de Bure. Mas a principal adaptação foi feita por Jacques Charles Brunet para o *Manuel du libraire et D'amateur de livres* (Paris, 1810), cujas principais classes são: teologia, jurisprudência, ciências e artes, belas artes e história. O sistema Brunet apresentou uma notação mista e complexa, combinando algarismos arábicos e romanos, letras maiúsculas e minúsculas. Foi a classificação européia que maior influência exerceu e serviu de base às classificações utilizadas na Biblioteca Nacional de Paris, na Biblioteca de Sainte Genevière (Paris) e no Museu Britânico (Londres).

No fim do século XVIII, Diderot e d'Alembert utilizaram a classificação de Francis Bacon para a *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisoné des Sciencies, des Arts et des Métiers* (1780).

Na Alemanha, Arnim Graesel elogia os sistemas de Otto Hatwig e de Schutz e Huteland (1785), que não transpuseram suas fronteiras.

Na Itália, destacam-se os sistemas de Natale Battezzati, *Nuova Sistema di catalogo bibliographico*, Milão, 1871, e G. Bonazzi, *Schema di catalogo sistematico per le biblioteche*, Parma, 1890.

Em seu trabalho *A Decimal system for arrangement and administration of libraries*, Nathaniel B. Shurtleff, Boston, 1856, utiliza números decimais para as estantes e não para os livros, o que já havia sido feito na França por Lacroix du Maine em 1882 e pela biblioteca de Glasgow, em 1790.

Charles Ammi Cutter apresentou um sistema denominado *Expansive Classification*, Boston, 1851, no qual os assuntos são representados por letras. Utilizou pela primeira vez as subdivisões comuns de forma e geográfica. Constitui-se de seis sistemas de classificação completos, e um sétimo por terminar. É baseada na inversão da classificação de Bacon e influenciou a classificação da Biblioteca do Congresso dos EUA.

O sistema de Dewey foi o primeiro a utilizar números decimais para símbolos de classificação aplicáveis aos próprios documentos, o primeiro a empregar largamente divisões paralelas e parece ter sido o primeiro a empregar o princípio de divisão por transferência, expressão utilizada por Grolier para designar subdivisões do tipo “divida como”, de Dewey.

Na Biblioteca do Congresso dos EUA, partindo do conhecimento como é apresentado nos livros, foi criado um grande sistema de classificação bibliográfica, que teve sua publicação iniciada em 1901. É largamente utilizada nas grandes bibliotecas americanas, mas sua aplicação fora dos EUA é limitada devido a falta de explicações sobre seu manuseio.

A Classificação Decimal Universal, de Paul Otlet e Henri de La Fontaine, publicada pelo Instituto Internacional de Bibliografia, hoje Federação Internacional de Documentação, em 1905, origina-se do sistema de Dewey, é um sistema hierárquico, com base filosófica.

James Duff Brown é o autor do único sistema de classificação geral importante da Inglaterra. Sua utilização ficou restrita às bibliotecas públicas inglesas pequenas e médias.

Henry Evelyn Bliss, (1870-1955), elaborou um sistema de classificação que intitulou *Bibliographic Classification*, publicado pela primeira vez no *Library Journal*, em 1912, e em última edição (terceira). Essa classificação é apontada como perfeita no desenvolvimento, quanto ao escalonamento e à subdivisão dos assuntos, mas não sendo muito empregada, tende a desaparecer, apesar da revisão feita por Jack Mills.

A Classificação de Dois Pontos (*Cólon Clasification*) de Shiyali Ramamrita Ranganatha, é a primeira inteiramente sintética, tem adeptos fervorosos, mas é pouco empregada.

Fremont Rider, em 1961, apresentou uma classificação geral do tipo enumerativo, preocupada em oferecer símbolos de classificação curtos e utilizando letras.

O *Classification Research Group*, da Inglaterra, de 1952, pretende elaborar um sistema de classificação enciclopédico, em facetas, mas só produziu sistemas de classificação especializados, como o de Vickery para a ciência do solo e os D. J. Foskett para a área de Tecnologia de Alimentos.

Albert Rim, em *Le Livre* (Paris, 1907), encontra 150 sistemas de classificação diretamente ligados à ordenação de documentos.

Abner Vicentini preparou um documento para o encontro de professores de classificação (Brasília, 1968), onde recomenda a divisão da história das classificações bibliográficas, segundo a proposta de Ranganathan, acrescida de um

item relativo às classificações, da antiguidade até 1875. Segundo essa sugestão, a história das classificações bibliográficas seria dividida assim:

1. Da antiguidade até 1875.
2. Período pré-facetado: 1876-1896
3. Transição para o período facetado: 1897-1932.
4. Período facetado: 1933-1975
 - 4.1. Período de facetas restritas: 1933-1949.
 - 4.2. Período de facetas não restritas: 1950-1956.
 - 4.3. Período de relatividade: 1957-1975.
 - 4.3.1. Período de Dorking ou de postulada e princípios: 1957-1964.
 - 4.3.2. Período de Ensimore ou de planejamento cooperativo: 1965-1975

2.3 Tipos de Classificações Bibliográficas

2.3.1 Classificação Facetada

Os sistemas de classificação bibliográfica mais conhecidos seguem os predicáveis de Porfírio, partem do geral para o específico, tomando por modelo a árvore de Porfírio.

A necessidade de criar sistemas de classificação que permitissem combinar estas variadas relações levou à constatação de que as classificações bibliográficas não podiam seguir somente esses predicáveis, deviam originar-se de subdivisões em categorias mais próximas das teorias de Aristóteles.

Surgiu então um novo tipo de classificação idealizado por Ranganathan, conhecido como: Classificação em Facetas, Classificação Facetada, ou ainda, Classificação Analítico-Sintética. Estes sistemas são constituídos de listas de termos representando conceitos, com o mesmo tipo de relacionamento com o objeto da classificação, denominadas facetas, combináveis no ato de classificar, para traduzir devidamente o tema dos documentos.

O único sistema de classificação facetado geral é a *Cólon Classification*, de Ranganathan, mas existem vários sistemas de classificação especializados seguindo esta técnica, elaborados na quase totalidade por membros do *Classification Research Group*, entre os quais podemos citar: *British Catalog of*

Music Classification, por E.J. Coates; *Diamond Technology*, por Farradane; *Food Technology*, por D.J. Fosket; e *Astronomy*, por B. C. Vickery

No Brasil existem sistemas de classificação facetados elaborados pelas bibliotecárias Malvina Rosa e Jandira Assunção para as áreas de Odontologia e Farmácia.

2.3.2 Classificação Decimal de Dewey

Melvil Dewey (1851-1931), bibliotecário norte americano, criou em 1876, o sistema de classificação bibliográfico mais utilizado e conhecido em todo o mundo, a Classificação Decimal de Dewey (CDD).

Dewey não foi o primeiro a dividir os livros de uma biblioteca por assunto e nem a empregar números decimais em bibliotecas, mas foi o primeiro a atribuir símbolo de classificação aos próprios livros.

Em 1876, publicou anonimamente *A Classification and subject index for cataloguing and arranging the books and pamphlets of a library*. Tratava-se de um folheto com 42 páginas, sendo 12 de introdução, 12 de tabelas e 18 de índice, apresentando o conhecimento humano em cerca de 1000 classes. Esse trabalho foi aplaudido na Conferência de Bibliotecários realizada na Filadélfia, em 1876. O índice relativo foi uma inovação, pois não constava em outros sistemas da época. Segundo Dewey, através do índice, qualquer pessoa seria capaz de classificar.

O título *Decimal Classification and Relative Index* só surgiu na segunda edição, publicada em 1885, trazendo o nome de seu autor.

Existe uma explicação para a ordem das classes principais do sistema de Dewey: o homem começou a pensar e a procurar uma resposta para sua existência, e assim surgiu a Filosofia; incapaz de desvendar o mistério imaginou a existência de um ser supremo que o havia criado e surge a Religião; multiplicando-se, o homem passa a viver em sociedade e vem as Ciências Sociais; sente necessidade de se comunicar com os companheiros e cria as Línguas; passa então a investigar os segredos da natureza e temos as Ciências Puras; de posse desses conhecimentos procura deles tirar proveito, aparecendo as Ciências Aplicadas; e, agora, já se sentindo capaz de criar, dá origem às Artes e à Literatura; finalmente, encontraremos a História, que conta tudo que se passou.

A CDD é um sistema de classificação hierárquico, decimal, primordialmente bibliográfico, estruturado e enumerativo. Apresenta sete tabelas auxiliares (subdivisão padrão; de área; literaturas individuais; raciais; étnicas; nacionais; línguas; pessoas) que representam conceitos que podem ser associados a qualquer assunto das dez classes principais.

2.3.3 Classificação Decimal Universal

Em 1892, os belgas Paul Otlet (1868-1944), advogado, e Henri de La Fontaine (1853-1943), professor e político, compreendendo a necessidade de melhorar a organização para controlar a bibliografia, resolveram fundar em Bruxelas, o *Office International de Bibliographie*, com a finalidade de organizar uma bibliografia universal, que intitularam de *Repertoire Bibliographique Universal*.

Planejaram o controle por assunto e compilaram a bibliografia em fichas de 7,5 x 12,5 cm, que foi uma inovação na Europa. Para a primeira Conferência Internacional de Bibliografia, convocada por eles, em 1895, classificaram essas fichas pela CDD (5ª Edição, 1894), em seis semanas. Após a conferência, o governo belga resolveu subvencionar seus trabalhos, e como obrigação teriam que publicar a Bibliografia Universal. Depois de examinar vários sistemas de classificação, escolheram a classificação de Dewey, baseando essa escolha nas características da sua notação decimal, que permite subdivisões ilimitadas, sem modificação da posição dos números pré-existentes.

Em 1906, foi publicada a 1ª edição do novo sistema, contendo 33.000 subdivisões e 40.000 entradas no índice, com o título *Manuel du Repertoire Bibliographique Universal*. Esta edição traz uma longa introdução, com um detalhado estudo da organização, em forma de catálogo sistemático, seguida das tabelas de classificação. Continha, segundo o instituto, as publicações de todos os tempos (universal), de todos os países (internacional) e relativa a todos os assuntos (enciclopédica).

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as atividades de Otlet e La Fontaine foram interrompidas, só retornando em 1920. A 2ª edição surgiu com o título *Classificação Decimale Universale: tables de classification pour les bibliographies, bibliothèques, archives, administrations, publications, brevets, musées et ensembles d'objets pour toutes les espèces de documentation em*

général et pour les collections de tout nature, em 3 volumes, contendo 40.000 subdivisões e 66.000 entradas no índice. Cerca de 40 especialistas trabalharam sob a direção de Otlet e La Fontaine, que coordenaram os trabalhos das classes de Humanidades e do engenheiro Fritz Donkec Duyvis (1894-1961), responsável pela parte de Ciências e Tecnologia.

Em 1937, durante o 4º Congresso Universal de Documentação, realizado em Londres, o Instituto Internacional de Documentação teve seu nome alterado para Federação Internacional de Documentação (FID).

Atualmente a CDU é largamente utilizada no Brasil em bibliotecas, bibliografias, catálogos, etc. É ensinada em todas as escolas de Biblioteconomia e existem vários trabalhos sobre o sistema, podendo-se citar: o de Nôemia Lentino, Lia Frota, Abner Vicentini e Regina Oliveira.

Existem cinco tipos de edição da CDU: edições desenvolvidas, médias, abreviadas, condensadas e especiais. A CDU modifica-se constantemente, sofrendo acréscimos e correções, mas, como norma, os símbolos cancelados não são utilizados para representar outro conceito antes de decorridos 10 anos. As propostas de alterações são enviadas às comissões nacionais, que estudam e aprovam, remetem à comissão central de classificações da FID, que distribui às demais comissões nacionais, sob a forma p-nutes. Após 4 meses se não houver oposição, a modificação é considerada aceita.

2.3.4 Classificação de Cutter

Charles Ammi Cutter (1837-1903), bibliotecário americano, distinguiu-se por seus trabalhos no campo da catalogação e da classificação. Criou um sistema de classificação denominado *Expansive Classification* (Classificação Expansiva), após a publicação da classificação de Dewey em 1876, que não aprovou devido à notação decimal.

A classificação expansiva consiste em 7 classificações, cada uma mais minuciosa que a precedente. A idéia era aplicar a 1ª classificação ao iniciar-se a coleção, passar à 2ª quando esta crescesse um pouco, seguir à 3ª ao aumentar o acervo até que fosse necessária a utilização da 7ª classificação, que não foi completada devido à morte de Cutter.

Os seis primeiros sistemas foram publicados juntos, com um índice relativo comum, sob o título *Expansive Classification part 1: the first six classification*. As várias classes do 7º sistema foram publicadas em fascículos independentes, mas ficou inacabado. Presume-se que devido à falta de atualização, venha cair em desuso.

A classificação de Cutter influenciou os criadores da classificação da Biblioteca do Congresso Nacional dos EUA, cujas classes principais seguem, em parte, a ordem apresentada na classificação expansiva.

2.3.5 Classificação da Biblioteca do Congresso

A classificação da Biblioteca do Congresso Nacional dos Estados Unidos foi criada por ato constitucional de 1800 com uma coleção de 740 livros encomendados à Inglaterra. No princípio, os livros eram ordenados por tamanho, mas em 1812 já estavam divididos em 18 classes, segundo o sistema empregado pela Benjamin Franklin'S Library Company of Filadélfia, baseado nas classificações de Francis Bacon, com a adaptação de Diderot e D'Alembert.

Após concluir que a classificação em uso era mais adequada, John Russel Yong, diretor da entidade, ordenou a Jonas Hanson e Charles Martel que estudassem a possibilidade da adoção de um novo sistema de classificação. Hanson e Mariel examinaram os sistemas de Dewey e de Cutter, bem como o sistema do alemão Otto Hartwig, chegando à conclusão que era melhor criar um novo sistema. Tomaram por base o sistema da Classificação Expansiva de Cutter introduzindo grandes modificações, especialmente quanto à notação.

O sistema é muito detalhado, podendo ser considerado como uma série de classificações especializadas, bastante enumerativo, mas que recorre à síntese, quando aplica suas inúmeras tabelas auxiliares.

2.3.6 Classificação de Brown

James Duff Brown (1862-1914), bibliotecário inglês, foi um dos primeiros ingleses a escrever livros sobre biblioteconomia e o criador do único sistema de classificação geral da Inglaterra. Destacou-se por ter sido o primeiro a introduzir o livre acesso às estantes ao público.

Em 1894, apresentou à reunião da *Library Association*, em Belfast, o *Quinn-Brown System*, um sistema de classificação bibliográfico elaborado com a colaboração de John Henry Quinn. Incentivado pelas críticas à Classificação Decimal de Dewey, construiu a *Subject Classification*, publicada em 1906.

A *Subject Classification*, ou Classificação de Assuntos, é utilizada nas bibliotecas, porém considerada em quase desuso devido à falta de atualização, mas continua merecendo ser estudada pelas concepções teóricas, que fazem de Brown um precursor das teorias modernas da classificação.

Brown pretendia criar um sistema de classificação em que cada assunto tivesse uma única localização, em que vários aspectos teóricos e práticos de um mesmo tema ficassem reunidos. Admitiu que todo tipo de conhecimento deriva de um dos 4 grandes grupos ou princípios fundamentais: matéria e força, vida, razão e registro, na ordem que surgiram no universo.

A *Subject Classification* é relativamente pouco enumerativa e faz largo uso da síntese, como recomendam as teorias das classificações atuais.

2.3.7. Classificação de Bliss

Henry Gueley Bliss, bibliotecário americano, dedicou-se ao estudo de classificação, publicando artigos sobre o assunto em revistas especializadas desde 1902. Em 1910, publicou no *Library Journal*, um esboço de um sistema de classificação bibliográfico, sob o título *A modern classification of libraries, with simple notation, mnemonics and alternatives*.

Estudou os problemas gerais de classificação e examinou detalhadamente os vários sistemas filosóficos, desde a antiguidade até o século XIX, especialmente os sistemas de Auguste Comte, Herbert Spender e Werndt. Estudou também os problemas de classificação nas bibliotecas e alguns dos grandes sistemas de classificação bibliográficos.

Bliss procurou apresentar os assuntos segundo o consenso científico e educacional, ou seja, a ordem científica e pedagógica de estudo dos assuntos, a ordem dos conceitos geralmente aceita por especialistas. No entender de Bliss, esta ordem é relativamente estável e tende a se tornar mais estável à proporção que o conhecimento se torna mais estabelecido e detalhado. Estabeleceu três princípios

para a ordenação das classes: localização, gradação por especialização e extensão decrescente.

Uma característica do sistema é a possibilidade de classificações alternativas, que permitem a classificação de um mesmo assunto em vários pontos do sistema, resolvendo assim, a localização dos conceitos para os quais não há completo acordo entre os estudiosos. Bliss era hostil à idéia de análise e síntese completa. Assim seu esquema pode ser encarado como a última das classificações enumerativas, apesar de conter tabelas sistemáticas.

2.3.8 Classificação de Ranganathan

Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972), matemático, professor, foi nomeado bibliotecário da *Madras University Library* e enviado à Inglaterra para estágio no *Brisith Museum*. Dedicou-se ao estudo de obras de biblioteconomia e interessou-se principalmente por classificação e administração de bibliotecas.

Iniciou o esboço do seu sistema, mas, convencido da necessidade de modificar os princípios básicos de classificação bibliográfica, concebeu a idéia de uma classificação analítico-sintética.

Escreveu vários livros e artigos, criou uma terminologia nova para a classificação bibliográfica, formulou o “princípio da oitava”, sugeriu o processo de compilação de índice para sistemas de classificação denominada “índice em cadeia” e foi o primeiro autor a usar sistematicamente a análise em facetas que originaram as classificações facetadas modernas.

Ranganathan planejou que sua classificação, a partir da 6ª edição, passaria a aparecer em duas versões: a *Basic Classification*, menos detalhada, destinada à classificação do macropensamento, assuntos encontrados nos livros de bibliotecas gerais, escolares e universitárias; e a *Depth Classification*, mais detalhada, destinada à classificação do micropensamento, apresentado especialmente em artigos de periódicos.

Em 1960, saiu a 6ª edição da *Basic Classification*. A 1ª parte foi reimpressa em um só volume dividido em: *Rules* (regras); *Sheudules of classification* (tabelas de classificação) e *Shedules of classics and sacred books, with special noms* (tabelas de livros clássicos e sagrados com nomes específicos).

A notação utilizada é mista, utiliza algarismos arábicos, letras minúsculas e maiúsculas, letras gregas e sinais gráficos, somando cerca de 70 caracteres. A atualização vem sendo feita por meio de novas edições, publicadas espaçadamente.

2.3.9 Classificação Especializada

Uma classificação denomina-se por especializada quando tem por objetivo um assunto específico, como por exemplo, o sistema de classificação da *United Classification for the Construction Industry* (UNICLASS), direcionada a indústria da construção, ou geral, se pretende cobrir universo mais complexo da informação, como, por exemplo, à área da ciência da informação, a Classificação Decimal Universal (CDU).

Uma classificação denomina-se analítica quando pretende sistematizar fenômenos físicos e providencia uma base para sua explicação e entendimento. Também podem ser chamadas por classificações científicas ou taxonomias, como exemplo, a classificação do reino animal.

Uma classificação é documental quando a sua utilização pressupõe a classificação de documentos ou tipos de informação, com o objetivo principal de facilitar a localização dessa informação, com exemplo, a Classificação Decimal de Dewey (CDD), bastante utilizada em bibliotecas.

As classificações enumerativas são aquelas que prescrevem um universo subdividido em classes sucessivamente menores que incluem todas as possíveis classes compostas (relações sintáticas). Essas classes são organizadas de forma a apresentar suas relações hierárquicas. Apresenta-se em listagem exaustiva de termos, organizados em classes e subclasses. Este tipo de classificação é limitado, uma vez que coloca dificuldades à inserção de novos termos de forma seqüencial. Relativamente à notação, por exemplo, de produtos, os dígitos de reserva necessários para a introdução de novos produtos são de difícil previsão, podendo torna-se a notação muito extensa.

Desenvolvida por Ranganathan na década de 30, atualmente tem sido largamente discutida na academia como solução para a organização do conhecimento, em de suas potencialidades de acompanhar as mudanças e evolução do conhecimento. Muitos termos e expressões tem surgido, mas retratam nada mais do que a classificação facetada de Ranganathan (1967) *apud* Campos (2001, p. XX),

que conceitua o conhecimento como “a totalidade das idéias conservadas pelo ser humano” por meio da observação das coisas, fatos e processos do mundo que o cerca.

2.3.10 Índice

O índice de um sistema de classificação é uma lista alfabética dos seus termos e respectivos sinônimos, indicando os símbolos de classificação que os representam.

Um sistema de classificação bibliográfico deve vir acompanhado de um índice para facilitar ao classificador a localização dos assuntos nas tabelas de classificação.

Sayers divide os índices em dois tipos: Específicos e relativos. O índice de Brown é específico, mas não indica as combinações feitas como o auxílio dos “Categorical Tables”. O índice de Dewey, é relativo, emprega margens diferentes para indicar a subordinação dos assuntos.

Ranganathan sistematizou o processo de compilação de índices relativos, criando o índice em cadeia, que além de ser um método de compilação sistemático e automático, ainda evita o esquecimento de entradas necessárias.

O índice alfabético do catálogo sistemático deve ser acompanhado por um catálogo auxiliar, denominado por Shera de índice numérico. Mills o chama de Authoraty File e Jakobson e Veiga de índice de rubricas e há ainda quem o intitule de índice do índice.

O índice numérico facilita a revisão e a retirada de entradas existentes no índice alfabético, quando ocorrem modificações na classificação ou quando a biblioteca deixa de possuir documentos sobre determinado assunto.

2.4 Conceitos Fundamentais dos Termos Usados nas Classificações Bibliográficas

Classificar é dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças ou semelhanças. Dispor os conceitos em certos números de grupos metodicamente distribuídos. Existem varias conceituações para classificação, mas todas têm a

mesma essência, ou seja, a arte de determinar o assunto de um documento e de encontrar o lugar para ele, em um determinado sistema de classificação.

Existem vários termos usados nas classificações que merecem aqui uma conceituação para um melhor entendimento quando nós deparamos com alguns deles. Senão vejamos:

1. **CARACTERÍSTICA:** A qualidade ou o atributo escolhido para servir de base à classificação ou à divisão chama-se característica ou princípio de classificação ou ainda princípio da divisão. Ex.: cor, tamanho, língua, assunto.

2. **CATEGORIAS:** São as maiores classes de fenômenos, as classes mais gerais que podem ser formadas.

3. **GÊNERO:** É um conjunto de coisas ou idéias que podem ser divididos em dois ou mais grupos ou espécies.

4. **ESPÉCIE:** São os vários grupos resultantes da divisão de um gênero por determinada característica. Podem subdividir-se.

5. **FONTES:** É empregada indiretamente com o sentido de característica, porque a base do agrupamento em classes resulta da divisão por determinada qualidade ou característica e, muitas vezes o nome dessa qualidade é usado para designar fonte.

6. **FOCO:** É utilizada para expressar todos os tipos de relacionamentos encontrados na literatura.

7. **ISOLADOS:** É usado quando se refere isoladamente a um conceito.

8. **DIVISÃO EM CADEIA:** É a linha de classes, geradas por subdivisões sucessivas, que se move passo a passo de um assunto geral para um assunto específico.

9. **DIVISÃO EM FILEIRAS:** Uma fileira de tópicos ou focos coordenados em importância e da mesma ordem ou hierarquia.

10. **EXTENSÃO E COMPREENSÃO:** É um conjunto de gêneros ou espécies possuidoras das mesmas qualidades. O número de qualidades que distinguem as espécies, a soma de todas as propriedades comuns aos membros da classe.

11. **MODULAÇÃO:** É a apresentação gradativa dos vários níveis de subdivisão.

12. **TERMO:** A palavra ou as palavras que expressam as idéias em um sistema de classificação.

13. SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO: É um conjunto de classes apresentadas em ordem sistemática. É uma distribuição de um conjunto de idéias por um certo numero de conjuntos parciais, coordenados e subordinados.

14. ORDEM DAS TABELAS: A ordem de apresentação dos conceitos nas tabelas de um sistema de classificação segue, principalmente, a ordem de dependência e a ordem do geral ao específico.

15. ORDEM DE CITAÇÃO: Determina a seqüência que serão citados os vários conceitos presentes nos assuntos, na construção dos símbolos de classificação.

16. ORDEM DE INTERCALAÇÃO: É a inversão da ordem da citação, para que os assuntos gerais apareçam antes dos específicos.

17. CONCEITO: É a operação da inteligência através da qual se apreendem os caracteres essenciais daquilo que se conhece. É a representação mental do que se sabe, uma idéia, uma coisa, um julgamento, etc.

18. ASSUNTO: Designa a disciplina ou sub-disciplina a que pertence um documento ou fenômeno de que trata. Temos: assuntos básicos, simples, compostos e complexos.

19. NOTAÇÃO: É o conjunto de símbolos destinados a representar os termos de classificação, traduzindo em linguagem codificada o assunto dos documentos e permitindo sua localização nas estantes, nos catálogos e nas tabelas de classificação.

19.1. Símbolos de classificação: É o conjunto de caracteres empregados na formação dos símbolos de classificação

19.2. Base da notação: É o conjunto de caracteres empregados na formação dos símbolos de classificação.

19.3. Finalidade da notação: Localiza os assuntos na coleção, oferecendo um meio para remeter do índice às tabelas do sistema de classificação e das fichas do catalogo aos documentos, alem de possibilitar a ordenação dos próprios documentos pelos assuntos que tratam.

19.4. Qualidade da notação:

- Indicar a ordem dos assuntos de modo claro;
- Permitir revelar integralmente o assunto do documento;
- Ser hospitaleira;
- Permitir número de subdivisão;

- Ser flexível;
- Ser fácil de falar, breve e simples;
- Revelar a estrutura da classificação, sua hierarquia;
- Ser mnemônica.

2.5 Os Sistemas de Classificação

Os sistemas de classificação bibliográfica foram elaborados com o objetivo de organizar os acervos de bibliotecas e facilitar o acesso dos usuários à informação contida nesses acervos. No entanto, aquela que foi a primeira dessas classificações e que influenciou na construção das demais surgiu em um determinado contexto histórico – científico que já há algumas décadas ficou pra trás (GIGANTE 1995). Conforme ressalta Tálamo (1995, p. 54) a Classificação Decimal de Dewey, “calcada na classificação das ciências de Francis Bacon, tem dez classes baseadas na divisão do conhecimento em três grandes grupos: memória, imaginação e razão”.

Depois da CDD, surgiu a Classificação Decimal Universal (CDU) construída também sob os princípios da divisão do conhecimento, que traz um avanço em relação à primeira, como por exemplo,

aumento da capacidade de síntese, ou seja, possibilidade de representar assuntos complexos e de classes diferentes por meio de mecanismo de combinação; incorporação do princípio de análise por facetas, princípio que permite uma análise multidimensional dos assuntos. (TÁLAMO, 1995, P.41).

Para Cintra (1994, p.41) a macro organização da CDU fundamenta-se na organização lógico-hierárquico de suas unidades e a delimitação de classes é feita a partir de pontos de vista determinado.

Como se percebeu ao longo deste capítulo, a evolução dos princípios de classificação do conhecimento não se baseou apenas numa atividade técnica, pautada em princípios que busquem uma objetividade lingüística, simbólica ou numérica. Todo e qualquer princípio de classificação passa por princípios subjetivos e também convencionados por sistemas simbólicos mais complexos, como princípios ideológicos, culturais, valorativos, entre tantos outros ensejados pelos sistemas ordenadores da cultura.

E percebe-se também neste capítulo – para além dos processos técnicos e metodológicos dos processos classificatórios e das respectivas facetas históricas presentes em cada modelo dado pela história da biblioteconomia – não se percebe a presença marcante dos processos de ordenação cultural nos atos de classificar. Não obstante essa assertiva, sabe-se – e a antropologia cultural mostra isso em seus compêndios – que somos movidos pelas matrizes culturais e pelos seus repertórios que nos formam e direcionam o nosso olhar do mundo e o nosso estar nele.

Assim, portanto, para efeito deste trabalho, que objetiva analisar as classificações à luz dos princípios culturais que atribuem valores simbólicos às coisas – aqui representados pelo binômio cultural “erótico” e “pornográfico”, classificados segundo valores culturais – questões como a moral, e a ética são relevantes. Esta é também uma construção simbólica, convencionada pelos sistemas ordenadores da cultura, entre eles o sistema filosófico, que será analisado a seguir conforme se posicionam sobre a moral. Essas análises ensejarão – no último capítulo – as análises das classificações escolhidas para este trabalho.

3 A DINÂMICA DA CULTURA

3.1 Como Surgiu a Cultura Para Alguns Antropólogos

Qualquer processo de reflexões sobre as formas de classificações tem de passar irremediavelmente pelo entendimento dos processos culturais de significação e representação das coisas. Vimos que as inclinações humanas para os estabelecimentos de preceitos e códigos morais são determinadas pelos processos de aprendizado que recebemos dos diversos processos sociais. Agora é o momento de elucidarmos o mesmo fenômeno classificatório à luz dos processos civilizadores (ELIAS) e codificadores das culturas (LARAIA), meios através dos quais estabelecemos convenções culturais que definirão – antropologicamente falando – os sentidos do mundo para nós. Nesse tocante, reflitamos um pouco sobre a contribuição da antropologia cultural sobre os processos classificatórios.

Laraia (1992, p. 54) diz que uma resposta simplificada a essa pergunta seria a que a cultura surgiu a partir do momento em que o cérebro do homem foi “modificado pelo processo evolutivo dos primatas”, sendo essa uma resposta insatisfatória que nos leva a uma segunda pergunta: como e porque o cérebro dos primatas se desenvolveu a ponto do aparecimento do homem?

Richard Leakey e Roger Lewin afirmam que o desenvolvimento do cérebro humano se deu graças à vida nas árvores de seus antigos antepassados, que não utilizando muito o faro desenvolveram uma visão estereoscópica e a utilização das mãos. “O fato de pegar e examinar um objeto atribui a este um significado” (*apud* LARAIA, 1992, p.55)

Segundo Pilbeam (*apud* LARAIA, 1992, p.55) o bipedismo, característica exclusiva dos primatas, foi resultado de pressões seletivas, para o animal parecer maior, transportar alimentos, possuir maior visibilidade e usar armas e essa habilidade proporcionou maiores estímulos ao cérebro e desenvolvimento da inteligência, “a cultura seria, então, o resultado de um cérebro mais volumoso e complexo”.

Claude Lévi-Strauss afirma que a cultura surgiu quando o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma (a proibição do incesto) e Leslie White considera que isso só foi possível quando o “homem foi capaz de gerar símbolos”, porque a faculdade de simbolização criou a cultura e o uso dos símbolos

a perpetua (*apud* LARAIA, 1992, p.55). Ora, pela própria dinâmica da cultura, toda e qualquer regra arbitrada aos grupos pelos sistemas ordenadores sofrerá ao longo dos seus processos de assimilação pelos indivíduos dos grupos mudanças quanto aos entendimentos que cada um tem da sua cultura. Veremos no ultimo capítulo que isso será relevante quando dos processos classificadores do erótico e do pornográfico.

Para Kroeber quando num dado momento houve alteração orgânica e nosso antepassado foi capaz de exprimir-se, aprender e ensinar. Essa teoria foi chamada teoria do ponto crítico, mas a ciência está convencida de que o salto foi lento e não repentino (*apud* LARAIA, 1992, p.55).

Geertz baseado nos estudos da paleontologia, de que o corpo humano surgiu aos poucos, defende que o homem é produtor da cultura, mas também é biologicamente produto da cultura (*apud* LARAIA, 1992, p.56).

Ou seja, a cultura se desenvolveu ao mesmo tempo que o nosso equipamento biológico e por isso é uma das características do homem junto com o bipedismo e o volume cerebral adequado.

3.2 A Evolução da Cultura

Podemos perceber em tudo que foi dito no tópico anterior que para os antropólogos, a cultura desenvolveu-se juntamente com o aparelho biológico do homem e que sofreu algumas modificações no decorrer dos séculos. O que se pode deduzir é que a evolução da cultura se deu a partir de necessidade física do homem, que, na medida em que seu cérebro sofria modificações, primeiro usou o olfato e o tato para a caça e a utilização de armas, aprendia a usar a natureza em prol de sua subsistência na terra.

Uma das primeiras manifestações culturais pode ter sido sem sombra de duvida o uso da comunicação entre os homens, que usou esta tecnologia para transmitir os traços culturais apreendidos a gerações futuras, de modo que, estas pudessem ser beneficiadas com as descobertas das melhores condições de sobrevivência em um ambiente hostil.

Para o cientista Richard Dawkins estes traços culturais que são transmitidos a outras gerações, estão localizados em uma unidade do cérebro. “Essas unidades de cultura, chamadas de memes, podem sofrer um processo de

seleção natural na medida em que o traço cultural expressado pelo meme é de certa forma importante para determinada população” (DAWKINS, 1992, p.115). O meme, que seria a menor partícula da memória, onde seriam armazenadas as informações necessárias que seriam transmitidas a outras gerações. Como exemplo dessa teoria de Dawkins pode citar a cultura da higiene. O ato de lavar as mãos antes de comer um alimento para que seja evitada uma contaminação pode provável ter sido a causa de uma tribo prosperar enquanto outra que não cultivava o mesmo habito não ter tido sorte similar. Da mesma forma pode-se pensar que determinado traço cultural que fosse prejudicial a alguma população poderia levá-la a deixar de existir, levando consigo o tal meme responsável. Mas vale aqui salientar que esta teoria é bastante controversa, já que o traço cultural não é uma unidade genética existente no homem, não podendo assim, ser analisado e rastreado a evolução de um determinado traço cultural.

A agricultura exemplifica bem o que foi dito acima, pois a partir da sua utilização o homem deixou de ser nômade para se fixar em um determinado local, tirando da terra suprimentos para o seu sustento. Podendo assim se afirmar que nas sociedades humanas um conhecimento adquirido passa para outra geração através do aprendizado.

Muitos antropólogos e sociólogos discutem sobre a evolução da cultura, mas o que torna importante salientar é que esta evolução não se deu de acordo com a evolução da espécie e as modificações sofridas ao longo dos tempos pela natureza, pois a cultura sofreu modificações através dos séculos de maneira mais rápida e está mais atrelada ao fato de que o maior número de oportunidade de aprendizado que surge para um indivíduo é o que é mais importante para sua evolução cultural. Ao adquirir cultura continuamente na forma de valores, idéias e ações ao longo de suas vidas, os humanos influenciam seu aprendizado futuro e sua capacidade de evolução cultural.

3.3 Tipos de Cultura

No âmbito das impressões do senso comum, a cultura ao ser definida se confunde com os seus produtos ditos civilizatórios referentes à literatura, ao cinema, arte entre outras, porém seu sentido é bem mais abrangente, pois cultura pode ser considerada como tudo que o homem através da sua racionalidade, mais

precisamente a inteligência, consegue executar, dessa forma todos os povos e sociedades possuem sua cultura por mais tradicional e arcaica que seja, pois todos os conhecimentos adquiridos são passados das gerações passadas para as futuras.

Podemos afirmar que pode ser considerada cultura tudo aquilo que esteja relacionado com as artes, costumes, sistemas, leis, religião, crenças, esportes, mitos, valores morais e éticos, comportamento, preferências, invenções e todas as maneiras de ser, pensar, sentir, agir.

Apesar das transformações pelas quais passa o mundo, a cultura tem a capacidade de se permanecer quase intacta, e são passadas aos descendentes como uma memória coletiva, lembrando que a cultura é um elemento social, impossível de se desenvolver individualmente. Não confundir intacto com passivo, posto que a cultura é dinâmica. Leia-se intacta a nossa predisposição humana para produzir cultura.

A cultura é um conceito muito complexo que reúne uma gama de interpretações pessoais. Um povo tido como civilizado pode tachar a cultura de algumas tribos indígenas como primitiva, por ter uma conotação diferenciada da sua. A cultura também é permeada de inúmeros agentes externos, como a família, a religião, os valores vigentes na sociedade em que está inserido, que são relevantes na formação cultural do indivíduo e que servirá de norte para a sua maneira de ver o mundo que o cerca e a cultura a que pertence.

Outro fator que precisa ser salientado no tocante à complexidade da cultura é que em uma mesma sociedade coexistem várias manifestações culturais diferentes e que segundo Laraia (1992, p.82) “a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada, nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”. Isto pode ser percebido em uma sociedade mais simples como a sociedade rural como nos grandes centros urbanos e comprova o que foi dito acima sobre a complexidade cultural existente.

Quando se propõe a classificar os diversos tipos de cultura temos que partir da premissa que a nomenclatura da palavra “cultura” é um termo alemão e em uma primeira acepção, deriva de palavras como *folk* e *kulture* que significam “povo” e agricultura respectivamente. Existem vários ramos da ciência que estudam este fenômeno, onde em cada uma dessas ciências, cultura tem um significado correlato.

Segundo Vannucchi (2008), na antropologia cultural podem-se distinguir quatro tipos de tendências para se conceituar o que venha a ser cultura.

- 1) há os que vêem cultura como sistema de padrões de comportamento, de modos de organização econômica e política, de tecnologias, em permanente adaptação, em vista do relacionamento dos grupos humanos com seus respectivos ecossistemas;
- 2) há os que tratam a cultura como um sistema de conhecimento da realidade, como o código mental do grupo, não como um fenômeno material, mas cognitivo;
- 3) há também os que encaram a cultura como um sistema estrutural, em que o eixo de tudo é a bipolaridade natureza-cultura, tendo como campos privilegiados de sua concretização o mito, a arte, a língua e o parentesco;
- 4) por fim, há os que entendem cultura como sistema simbólico de um grupo humano, sistema que só poderá ser apreendido por outro grupo por meio de interpretação e não por mera descrição.

Partindo da premissa que a cultura é um fenômeno cognitivo ou padrões de comportamento construídos a partir das relações de grupos humanos e como cada um lida com sua própria realidade, torna necessário referenciar o fato de ser a cultura e seus processos simbolizadores que arbitra sobre nós o que é ser moral.

Segundo Gensler, (2009) o relativismo cultural defende que o “bem” e o “mal” de acordo com as mais diversificadas culturas. Sendo que o bem, sempre coincide com o que é “socialmente aprovado” em alguma cultura.

Sendo a moral um produto da cultura e cada sociedade cria seus padrões de comportamento, então o que é moralmente aprovado em determinada cultura pode não ser em outra ou vice-verso.

3.4 A Moral Como Substrato da Cultura

Como vimos no capítulo um, a classificação tem como objetivo principal facilitar o acesso do usuário ao documento procurado, mas essa representação temática de documentos pode não satisfazer plenamente sua finalidade quando esses documentos estão relacionados à literatura, mas precisamente a erótica, pois o profissional bibliotecário para exercer sua tarefa de classificador, além da técnica aprendida ao longo de seus estudos teóricos e práticos, está sujeito a uma gama de preceitos que nortearão a sua escolha ao numerar o documento nesta ou naquela classe classificatória, pois, concordando com Marx, nossas escolhas estão relacionadas conscientemente a padrões de conduta de acordo com os quais queremos ser julgados no futuro e que essa escolha significa, em certo sentido, que somos livres.

Até que ponto somos livres para fazer nossas próprias escolhas, se toda escolha voluntária advém de um ato moral, que, para Aristóteles, é a expressão da formação do caráter de quem a pratica?. Os homens fazem as escolhas, mas não determinam, ao mesmo tempo, as condições sob as quais as suas escolhas são feitas, nem mesmo as influências externas que de algum modo predispõem a preferir outra alternativa.

Perguntará algum leitor deste trabalho: Por que falar de moral se a questão em jogo na pesquisa é o ato de classificar?

Simplesmente pelo fato de que, sendo o bibliotecário um indivíduo, mesmo dentro de seu padrão funcional e ético, que pertence a uma sociedade, a uma família, a um grupo social, está sujeito a regras impostas por esta mesma sociedade. Regras estas que lhe foram ensinadas desde tenra infância e que podem entrar em choque com sua função de classificador quando tiver que classificar os assuntos determinado tipo de documento. Qual o peso de seu arcabouço cultural e moral quando for classificar um livro de cunho erótico? Como fará uma distinção entre o que seja erótico ou pornográfico, já que nos códigos de classificações mais usadas, a CDD e CDU, existem números relacionados para cada uma das duas sentenças enumeradas?

Como esta distinção será esplanada mais adiante, para um melhor esclarecimento do objetivo deste trabalho que trata dos classificadores ante a classificação da literatura erótica se faz necessário um estudo mais detalhado de que venha a ser moral em suas varias instâncias.

3.5 A Moral Segundo a Psicologia Evolucionista

A princípio, *moral* significa um conjunto de regras que trata dos atos humanos e dos deveres do homem em sociedade e perante aos de sua classe, estando também relacionada aos bons costumes.

Aqui veremos um pouco da teoria de Darwin sobre a moral e vale salientar que a Psicologia Evolutiva é a “ciência que busca explicar, graças aos mecanismos universais de comportamento, o porquê das ações dos seres humanos”. (SPRIGGS, 1997), ou seja, tenta explicar como defrontamos hoje com alguns problemas que surgem e como nossos ancestrais conseguiram confrontá-los em seu ambiente primitivo, além de estabelecer às origens comuns de

comportamentos atuais através do estudo do comportamento de nossos ancestrais e a relevância do comportamento na transmissão dos genes de uma geração a outra seguinte.

Darwin acreditava que os variados costumes em todo o mundo tinham raízes – pelo menos de uma forma genérica – em uma natureza humana comum. Ainda que as teorias contemporâneas da antropologia cultural – como Croeber e Geertz (*apud* LARAIA, 1992) – apontem para o equívoco da teoria evolucionista da cultura, Darwin constatou a grande dose de sensibilidade que todo ser humano tem em relação à opinião pública: “o amor à aprovação e o temor à infâmia, bem como a concessão do elogio ou da culpa” são fundamentados no instinto (*apud* WRIGHT, 1996, p. 154) afirmou ele. A simples quebra de uma regra de etiqueta poderia causar vergonha em um homem mesmo que fosse lembrada muito mais tarde, assim como a violação de uma norma poderia lhes provocar angustia. Ele quis dizer com isso que o respeito a qualquer regra moral tem uma base inata e que apenas o conteúdo específico dos códigos morais não é inato.

Por que será que os conteúdos morais variam tanto entre os povos? Por que povos diferentes têm códigos morais distintos? Isto ocorria devido a razões históricas próprias de cada povo que julgavam as diferentes regras como de interesse da comunidade constituída. Neste tocante Darwin achava que esta visão estava equivocada e resultava em padrões de comportamentos sem sentido e que não traziam bem estar e felicidade para a humanidade.

Mesmo que para o cientista os povos “civilizados” europeus em contrapartida a um selvagem de alguma tribo inóspita do pacífico tivessem maior capacidade de tirocínio para discernir as ligações implícitas entre as leis morais e o bem estar público, é notório que ambos possuíam outro elemento universal na moralidade humana: o instinto social entre eles e a solidariedade pelos outros homens.

Segundo Darwin, “os seres humanos levam o comportamento moral a limites únicos” (WRIGHT, 1996, p. 156). Eles podem, por meio de uma linguagem complexa, saber o que se espera dele em termos de conduta moral para o bem comum e lembrar as conseqüências desastrosas devido a seus atos providos de instintos inferiores e *anti-sociais* se comprometendo a agir melhor em outras ocasiões.

Uma questão relevante para debate que a psicologia evolutiva nos proporciona em relação a moral está no fato que, através dos estudos antropológicos da evolução, Darwin nos tenta provar que a moralidade está intrinsecamente ligada ao conceito de propagação da espécie, pois para ele.

um código moral é um compromisso informal entre esferas concorrentes de auto-interesses genéticos, cada qual agindo para moldar o código para seus fins, usando quaisquer alavancas à disposição. (WRIGHT, 1996, p. 120)

Diante do que foi dito por Darwin podemos perceber na maneira em como os casamentos eram arranjados há alguns séculos, ou até mesmo décadas atrás, quando “um bom partido” eram escolhidos dentre aqueles rapazes que eram bem visto pela sociedade, que pertencessem a famílias moralmente aceitas e que as futuras esposas deviam ser castas e jovens.

Isto nos leva a questionar sobre a “dualidade” do conceito de moral vigente na maioria das sociedades do século passado onde existia uma certa duplicidade de preceitos morais, onde dividia os deveres de homens e mulheres e fica patente a teoria de Darwin sobre o “compromisso genético” em função da moral e da subsistência da espécie.

Como é notório em toda sociedade é dada ao homem certa liberdade sexual que é tolhida as mulheres. Enquanto daqueles se espera certa experiência em relação aos jogos amorosos antes do casamento e que para isso eram levados a bordeis e “casas de tolerância”, em torno dessas eram criados verdadeiros arsenal de vigilância e proibições que chegassem ao matrimônio tão puras como nasceram. A moral estava a serviço da procriação e da propagação do bom gene da família. As prostitutas tinham a função de educadoras sexuais, nunca de esposas ou mães.

Diante do exposto poderemos afirmar que exista um gene da moral que é transmitido através de gerações e que possa responder a indagação que fizemos logo no inicio deste trabalho sobre a biblioteconomia e a classificação da literatura erótica? Esse mesmo gene é o responsável pela escolha de um numero classificatório em detrimento de outro somente para não ferir a moral da família ou da sociedade a qual este profissional pertence? Sabe-se que não. A não ser que esse tal gene seja metáfora dos valores arraigados no indivíduo ou em seu grupo. Refere-se, portanto, à impossibilidade de não atribuímos nossos valores culturais às coisas que nos cercam. Inclusive àquelas que classificamos.

3.6 A Moral e a Filosofia

Como podemos perceber para os cientistas e estudiosos evolucionista como Darwin a moral é algo que pode ser transmitido de geração a geração. Agora veremos a moral sobre o prisma de alguns filósofos. Aqui poderemos perceber que a moral está intrinsecamente ligada a outros conceitos conhecidos, como conduta moral, ética, caráter e a correlação ente a moral e nossas escolhas.

Aqui vale ressaltar a opinião de Aristóteles a respeito da moral como mola mestra das nossas escolhas, pois, para o filósofo um ato moral, deve ser voluntário e manifestar uma escolha, expressar a formação da personalidade de quem pratica. Que ao praticá-lo deve “saber o que está fazendo”, escolher por si mesmo e “o ato deve ser a expressão de um caráter formado”. Este ato deve ter um objetivo, um propósito (DEWEY, 1964, p. 10).

Então podemos assim aferir que, na medida em que alguém faz uma escolha ela está ciente desta e que isto representa a sua vontade pessoal, que será embasada no seu caráter, mas também no repertório cultural que ele recebeu de sua cultura. Então a partir do momento que um profissional bibliotecário, no momento de escolher um número classificatório para uma obra literária de cunho erótico, ou mesmo pornográfico, será que ele o fará de forma imparcial ou será mediante a sua postura pessoal diante do que ele acha erótico, pornográfico, imoral ou simplesmente uma obra literária que deva ser lida por qualquer usuário que a procure para sua leitura?

Mas vamos ponderar um pouco a respeito do que está por trás de tudo isso afirmado por Aristóteles. Devemos ter em mente que para alguns filósofos a moral está relacionada, com já foi dito, com as escolhas que fazemos e estas, por sua vez, estão ligadas a normas de condutas e que devem ser sempre de acordo com a ética pessoal e com os preceitos culturais que recebemos da cultura. Dewey afirma que a ética é a “explicação sistemática sobre juízo que formamos acerca da conduta, quando a avaliamos sob o ponto-de-vista do certo ou errado, bom ou mal” (1964, p. 24). Mas como sabermos o que é “certo” ou “errado” no momento que fazemos uma opção por esta ou aquela escolha? Isto fica a cargo da subjetividade de cada pessoa.

Uma visão contrária as supracitadas podemos perceber na fala de alguns filósofos marxistas, como é o caso de Willian Ash. Ele entende que as nossas

escolhas não dependem somente da vontade ou de um aspecto de caráter, das condições em que elas são feitas, nem mesmo das influências de classe que os predispõem a escolher esta ou aquela alternativa (ASH, 1965, p. 108), Nossas escolhas dependem da concepção que temos do que seja “dever”, que nos é inculcado pelos ensinamentos de nossos ancestrais. Portanto, da nossa cultura.

Isso fica claro quando Marx nos diz que “os homens fazem a sua história. Mas não a fazem como lhes apraz: não a fazem em circunstâncias escolhidas por eles mesmos, mas circunstâncias encontradas, dadas e transmitidas diretamente do passado”. (ASH, 1965, p. 108).

Podemos perceber que, de certa forma, as nossas escolhas podem depender da própria cultura em que a sociedade a qual pertencemos foi estabelecida, como veremos mais adiante, ou até mesmo da classe social a que pertencemos, pois para os filósofos existencialistas as nossas escolhas dependem de padrões de condutas que desejamos ser julgados no futuro e que seja embutidas de um compromisso com as lutas sociais que criou oportunidade para essas escolhas.

Mas diante da realidade capitalista em que vivemos, no qual exigem do profissional, além da qualificação, ter que *matar um leão a cada dia* para se manter no emprego que conquistou a duras penas, qual aspecto terá mais força no momento em que as escolhas do profissional forem de encontro às das necessidades e normas da empresa em que trabalha? E como ficará seu amor próprio diante da opinião dos outros, formados diante de nossas escolhas, já que para esses mesmos existencialistas, o próximo são nosso “inferno pessoal” (ASH, 1965, p.113), já que vivemos do modo de vida capitalista onde estamos em eterna competição?

3.7 A Moral e a Religião

Qual será a ligação que a religião tem com a moral, a ética profissional ou a conduta pessoal no tocante às escolhas necessárias que fazemos durante nossas vidas? O fato de uma pessoa não ser religiosa á torna sem moral?

A religião é uma das instituições humanas mais antigas que se tem evidencia, pois se sabe da sua existência na era pré-histórica. Era praticado atos religiosos interligados com expressões artísticas, além da existência de leis e tabus que regulavam os atos dos seres humanos daquela época. Pode-se imaginar que a

religião servia (como ainda hoje) como a mais poderosa das sanções para manter as pessoas moralmente bem comportadas e obedientes. Mas decorrente deste fato não se pode afirmar que a religião, por ter precedido qualquer código de lei formal, ou sistema de moral em separado, não se pode provar que toda moral deva está ligada á alguma religião.

O argumento aqui exposto, precisamente, é o de que, por múltiplas razões, a moralidade não necessita e, de fato, não deve ser baseada somente na religião, muito embora, como adverte Fabri dos Anjos (2004), a religiosidade (e não uma religião em particular) e a idéia daquilo que nos é transcendente (não necessariamente uma divindade), sejam antropologicamente inerentes ao nosso refletir bioético.

Em primeiro lugar, de que modo a provar que é obrigatório ser religioso para poder ser moral, teríamos que demonstrar conclusivamente que um mundo supranatural existe e que a moralidade existe lá tanto quanto no mundo natural. Mesmo que isso possa ser demonstrado, o que é altamente improvável, teríamos que mostrar que a moralidade lá existente tem alguma conexão com aquela presente em nosso mundo. Parece óbvio, no entanto, que ao lidar com as questões morais, a única base que temos, para exercitar nosso pensamento ético, é este mundo em que vivemos, as pessoas que nele existem, as idéias e valores que elas possuem e as ações que elas praticam.

Não achando necessário um aprofundamento maior da discussão a respeito da religião relacionada com as resoluções tomadas pelo profissional bibliotecário no momento da classificação e de sua responsabilidade diante a classe a que pertence, vale ressaltar aqui que não se acredita que aquele profissional que se ver diante de uma duvida pessoal no momento de escolher um código numérico para determinado documento, que dependerá dessa escolha para ser melhor e, talvez somente, recuperado, deixe-se levar por dogmas religiosos.

4 ISSO É PORNOGRÁFICO, AQUILO É ERÓTICO

A fim de analisarmos as marcas da moral e da cultura nas variadas formas de classificação das obras de uma biblioteca ou unidade de informação, faz-se necessário delimitar os campos onde essas influências da moral e da cultura acontecem. Assim sendo, de uma vasta lista de possibilidades, escolhemos aqui duas formas culturais e morais de abordagens dos conceitos de literatura: as chamadas literaturas “eróticas” e “pornográficas”.

Quando se tenta discutir sobre algo que está diretamente ligado à sexualidade humana é impossível não esbarrar nos preconceitos e subjetividades culturais, morais e religiosos. Hoje em dia ainda é muito comum o uso dos termos pornográfico ou erótico para distinguir um tipo de literatura da outra, mas qual o parâmetro usado para esta distinção? O que define uma literatura pornográfica e uma erótica? Estas indagações talvez nunca sejam respondidas, por lidar com questões subjetivas, mas hoje são questões de estudos de vários pesquisadores, principalmente das ciências humanas.

Para que se faça um juízo de valor sobre este ou aquele tipo de literatura faz-se necessário uma explanação clara sobre a história de cada um, como também um estudo etimológico dos termos e as implicações sociais, religiosas e culturais que os mesmos suscitam.

Para uma compreensão dos termos aqui referidos, listaremos alguns conceitos tais e quais são subjetivamente elaborados pelos sentidos comuns, não sendo pretensão deste trabalho elucidá-los teórica e conceitualmente. Assim, os conceitos se apresentam como se seguem, segundo MELHORAMENTOS (1997):

- Subjetivo – Relativo ao sujeito, individual, pessoal, particular.
- Moral – Relativo à moral, aos bons costumes, tudo o que é considerado “descente”. *Fil.* Conjunto de regras que trata dos atos humanos e dos deveres do homem em sociedade e perante aos de sua classe.
- Erotismo – Paixão sexual.
- Erótico – Sensual
- Paixão – Predileção acentuada por alguma coisa.
- Sensual – Lascivo, lúbricos, voluptuosos, luxuriosos.
- Luxúria – Corrupção dos costumes.

- Costumes – Comportamento: maneira de se *comportar* (admitir, permitir), *conduta*: procedimento moral (bom ou mal)

- Pornografia – Arte ou literatura *obscena*: que é contrária a moral.

Para além dessas visões até certo ponto limitadas ou simplistas, outras conotações ou inclinações epistemológicas podem ser vistas, mas, como foi dito acima, não é objetivo deste trabalho. Cabe afirmar, entretanto, que os campos semânticos de cada uma dessas acepções são alargados ou sofisticados conforme os repertórios culturais de cada grupo que conceitua tais coisas, como foram visto no capítulo sobre cultura. Feito isto vamos viajar até os primórdios dos tempos para que possamos tentar responder a alguma indagação que possa surgir a respeito do tema.

Segundo Taylor (1997, p. 252),

a biologia e a cultura estão mais intimamente entrelaçadas do que gostaríamos de acreditar. Os códigos de moralidade sexual que apelam a uma "natureza humana simples e universal devem ser encaradas com certo ceticismo.

Podemos inferir então que o sexo faz parte da biologia humana e que é regido por códigos morais que variam de sociedade para sociedade bem como de tempos em tempos.

Sabemos que a história do sexo e da sexualidade humana está ligada à evolução de sua espécie e que o homem de Neandhertal adquiriu o hábito de se cobrir para se proteger do frio, do sol e de ataques de animais e de outros homens. E que os órgãos sexuais masculinos careciam de maior proteção e preocupação por serem responsáveis diretos pela propagação da espécie.

Escavações mostram que o sexo na pré-história tinha um cunho sagrado, pois em vários santuários foram encontradas peças relacionadas a órgãos sexuais e representações de relações sexuais, especialmente objetos de formas fálicas de tamanhos desproporcionais.

Na Idade Antiga, os órgãos sexuais não tinham um caráter de obscenidade e era comum ficarem expostos em alguns países. Na decoração de cerâmicas grega e cretense, registro do cotidiano da época era comum as pinturas de homens e mulheres em banhos, brincando sem roupas e mesmo mantendo relações sexuais. Devido a altas temperaturas de algumas regiões as roupas eram

mínimas, feitas com tecidos de linho muito finos e alguns escravos portavam apenas pequenas tangas.

Segundo Motomura (2009), na Idade Média, devido à influência da Igreja católica, tudo que se relacionava ao sexo ficou mais reprimido. Exceto para a procriação, todo assunto que se referia a sexo era pecado. Apenas era dada aos senhores feudais uma maior liberdade, podendo esses, além do uso do cinto de castidade nas esposas, ter o direito da primeira relação sexual com as noivas de seu feudo na noite do seu casamento. Somente no Oriente, em países asiáticos, existia uma maior liberdade sexual. Os orientais podiam ter várias mulheres, contudo que pudesse sustentá-las e este segundo casamento só poderia ser realizado mediante a autorização da primeira esposa.

Nesta época, como os casamentos eram arranjados por motivos econômicos, os noivos quase nunca se encontravam antes do casamento e “os noivos arranjados muitas vezes só se conheciam por meio de retratos pintados a óleo”, ressalta Motomura (2009, [s.p.]).

Ainda segundo a autora, foi nessa época que foi difundida a posição sexual, conhecida em nossos dias como “*papai-e-mamãe*”, que na época era denominada de “missionária”, devido ao fato que essa posição era a única aceita pela igreja e era ensinada pelos missionários que “queriam difundir seu uso em sociedades onde predominavam outras práticas”. O recato era tanto que os casais mais tradicionais usavam um lençol com um furo no meio para as práticas sexuais.

A paranóia em relação ao sexo era tantas que mitos onde os meninos que se masturbavam criavam espinhas e calos nas mãos, e as meninas estariam enfeitiçadas por bruxas, foram criados nesta época, além dos crimes cometidos contra homossexuais, que eram queimados em fogueiras. As prostitutas eram muito procuradas porque os maridos às solicitavam para obtenção de prazer, já que o sexo com as esposas era exclusivo para a procriação, como foi citado acima.

Sobre os pecados em relação a sexo, Motomura (2009, [s.p.]) cita São Tomás de Aquino:

Segundo a suma teológica de São Tomás de Aquino, documento escrito de 1265 a 1273, havia dois tipos de pecado pela luxúria: - Pecado contra a razão, fornicação e adultério, por exemplo; - Pecado contra a natureza. São os pecados que contrariam a ordem natural do ato sexual. Aí se incluem masturbação, sexo com animais, homossexualidade e a prática antinatural do coito. Leia-se: não podia ser feito sexo em orifícios não naturais (boca e ânus), mesmo que fosse entre marido e mulher!

Como podemos perceber o sexo sempre foi tratado como tabu e embutido de vários tipos de preconceitos principalmente incutidos na sociedade através do domínio da Igreja católica na idade média. Em nossos dias e em várias sociedades, palavras como “erótico” e “pornográfico” ainda carrega em si um resquício dos dogmas que nos foram ensinados a séculos atrás e culturalmente transmitidos de geração a geração.

Em seguida veremos até que ponto os processos culturais e preceitos morais estão presentes no simples ato de classificar uma obra literária e como futuros bibliotecários se comportam quando diante de questões polemicas e pessoais e sua forma de lidar com a tarefa de classificar livros que abordem o sexo como tema principal.

4.1 A Literatura Erótica e sua Classificação

Nesta sessão encontram-se listados exemplos de obras da literatura mundial de várias épocas e que são consideradas de cunho erótico para que possamos fazer uma análise de como estão classificadas e entendermos melhor se as mesmas classificações foram imparciais, puramente técnicas ou sofreram alguma influência dos valores culturais do classificador.

Temos que levar em consideração que a função primordial da classificação é facilitar a recuperação da referida obra pelos usuários. E que esta deve ser a principal preocupação de cada bibliotecário no momento que vai classificar, ou fazer o tratamento técnico de um documento, seja ele qual for.

A primeira parte dessa pesquisa foi feita no site da Fundação Biblioteca Nacional Brasileira. Foram observadas também as fichas catalográficas, quando existentes na folha de rosto das obras. Também foram feitas buscas em sites de alguns sebos e bibliotecas e, por fim, em exercício prático aplicado com alunos do 6º semestre do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, na disciplina de Linguagens Documentárias Alfanuméricas.

Vale salientar que as análises foram feitas com base na observação das classificações atribuídas, na leitura das obras citadas e com o apoio técnico da professora Fátima Fontenele, administradora da disciplina, que analisou cada questionário de acordo com as normas da CDU (Classificação Decimal Universal). Fica a critério de cada leitor deste trabalho tirar suas próprias conclusões mediante a

leitura das respostas dadas pelos consultados a cada questão levantada sobre assuntos inerentes a seu perfil cultural, moral e social. (ver apêndice)

4.1.1 As Idades do Prazer



FIGURA 1 – Capa do livro *As Idades do Prazer*

Fonte: <http://emporioliterario.com.br/media/catalog/product/cache/1/image/265x/5e06319eda06f020e43594a9c230972d/31102.jpg>

Obra anônima do século XVIII foi considerada por muito tempo como sendo de autoria do Conde Mirabeau. Esta afirmação foi aos poucos sendo negada, inclusive, segundo o site <http://www.oyo.com.br/livros/literatura-e-ficcao/as-idades-do-prazer/>, por Guillaume Apollinaire, que na introdução do livro “L’Oeuvre du Comte de Mirabeau”, publicado em 1921 em Paris, diz: “As Idades do Prazer encerra algumas informações anedóticas. Entretanto, o título permitia supor algo mais voluptuoso. Mirabeau nada tem a ver com essa elucubração bizarra.”

A obra narra as aventuras do cavalheiro Belleval desde tenra idade e seu amor por Constance, uma vizinha por quem nutria uma atração desde a infância e que segundo o nosso herói teria sido concebida no mesmo instante que ele:

A cravelha mestra de meu pai assentou, portanto, a primeira pedra de meu nascimento nas entranhas ardentes de minha mãe, aproximadamente ao mesmo tempo em que o membro erector do pai de Constance, guiado pelo prazer, construiu seu ser no canal voluptuoso do priapismo da senhora sua mãe. ([s. a] 2005, p.9)

As aventuras de Belleval seguem narradas por épocas vividas e pelas conquistas sexuais de cada etapa: aos dez anos quando brincava às escondidas

com sua amiguinha... "faltava-nos apenas a possibilidade de aplicarmo-nos aos trabalhos encantadores da conjunção e colher o fruto de nossas carícias ardentes e apaixonadas;..." ([s. a.], 2005, p. 15), aos quinze, quando se encontram após o afastamento provocado pelos pais, e segue até sua idade adulta. Nesta fase Belleval se entrega ao "gozo das paixões" sem moderação até os sessenta anos quando "seu triste individuo congelado pela idade não é mais que uma massa fria e inanimada;" ([s. a.], p. 103).

Segundo o catálogo da Fundação Biblioteca Nacional (BN) a obra citada acima está classificada de acordo com Classificação Decimal de Dewey (CDD) com o numero 843, identificando um "Romance da Literatura Francesa" e a ficha catalográfica localizada no verso da folha de rosto da obra o define apenas como "Literatura Francesa", sob o número 840 (CDD).

Ainda que não seja de todo correto afirmar que a escolha da classificação por romance ou literatura tenha uma inclinação cultural, movida supostamente por valores de natureza pudica, causa estranhamento que uma obra de conteúdo erótico não traga na classificação alguma indicação relativa a isso. Se for verdade que os valores culturais não devem arbitrar sobre uma obra um caráter erótico, pornográfico ou "imoral" quando esta não os contém, também não é prudente omitir essas informações quando a obra em foco adequar-se à classificação erótica.

O que foi dito assim pode ser comprovado na pesquisa feita nos sites de sebos e nas classificações dos alunos onde se pode perceber que foi usada a classificação verbal "literatura erótica" e a sua classificação numérica 82-993.

Sites visitados: 4

Classificações:

- Literatura estrangeira;
- Literatura erótica;
- Literatura e ficção.

Classificação dos respondentes:

- 82-993+82-94 (literatura erótica+biografia) (Q.5)
- 82-993 (literatura erótica) (Q.4)

Pode-se observar que tanto as classificações encontradas nos sites quanto a dos futuros bibliotecários prevaleceu à imparcialidade em relação ao conteúdo da obra, sem nenhum preconceito de ordem moral, dando ao usuário deste tipo de literatura maior probabilidade de recuperação e acesso à obra.

4.1.2 Memórias do Pinto



FIGURA 2 – Capa do livro Memórias do pinto

Fonte: <http://www.editorajaboticaba.com.br/img/livros/memoriasdopinto.jpg>

Esta obra escrita por Rodrigo Murat em 2004 difere totalmente das produções já feitas sobre o órgão sexual masculino, que já foi tema de teses e artigos de todo tipo, pois desta vez ele tem voz ativa e a narrativa é escrita em primeira pessoa pelo próprio pênis de Davi, um jovem judeu.

Na descrição, encontrada no site da editora, ele é definido como “um texto clássico, envolvente, longe do vulgar” onde seu autor, descrevendo as “peripécias” de Davi sob a ótica de seu falo, dá à obra “nuances absolutamente inusitadas”.

Uma passagem que mostra bem a preocupação do autor na ausência do chulo ou vulgar em sua obra pode ser lida na passagem abaixo onde “prepucinho”, o falo do personagem, tenta induzir seu dono à masturbação: “– Toque-me... alongue-

me... faça-me sentir no tecido liso as ondas de prazer que se avolumam em seu cérebro e que vem rebentar aqui, na minha praia...” (MURAT, 2004, p.23)

Outro aspecto que torna a obra de Murat uma leitura prazerosa é o senso de humor que domina toda a narrativa.

Ao perceber-me aprisionado na camisinha-de-força, tive um surto de claustrofobia:

- Socorro, me tira daqui!

Súbito, o breu gelatinoso.

Era Davi, que, ao invés de atender à minha súplica, socava-me no mais profundo de Débi-Débi, em *fuc-fucs* progressivos, como se eu fosse um saltador de *bungee-jump* metido em roupa de astronauta. (MURAT, 2004, p.47)

Em sua ficha de catalogação a obra está classificada de acordo com a CDD como “humorismo brasileiro contemporâneo” (869.975) e na Fundação Biblioteca Nacional (BN) recebeu o número, B869.3, correspondente à “Romance português” escrito no Brasil.

Nos dois sites em que o livro “Memórias do pinto” foi encontrado este foi classificado como:

- romance
- literatura brasileira – contos e crônicas
- humor

Entre os alunos pesquisados houve vários tipos de classificações:

- 82-994 (literatura excêntrica) (Q.2)
- 612.612.1 (castração) (Q.2)
- 82-22 (comédia) (Q.2)
- 398.23 (humor) (Q.7) observação: a classe 398 (folclore, tradição popular) está relacionada às ciências sociais.
- 613.881 (excessos sexuais, libertinagem) (Q.4)
- 821.134.3(81) (literatura brasileira/humor) (Q.10)

Mais uma vez foi excluída a classificação de “Literatura erótica” pelos classificadores e a obra será encontrada apenas pela classificação geral da literatura. Como a anterior, também esta classificação pode omitir – pelo menos na construção dos pontos de acesso ou palavras chaves – as referências sobre

erotismo, o que pode levar um usuário adepto a esse tipo de literatura de nunca encontrá-la.

Um fato curioso que pode ser atribuído a algum ranço moral ou cultural está nas classificações dos alunos que atribuíram diversas classificações à obra. Levando em consideração que o personagem narrador da obra é o órgão sexual masculino, que ainda é considerado algo constrangedor e causador de risos velados.

Apenas o respondente do questionário de número 10 classificou a obra como literatura brasileira/humor, enquanto houve classificações onde podemos perceber certo distanciamento das classificações que se espera de uma obra erótica, tal como “castração” (Q.2) e “excessos sexuais, libertinagem” (Q.4).

A classificação relacionada à literatura de humor pode ter sido atribuída ao modo jocoso e cômico com que o autor abordou o tema, como também sua relação com “libertinagem” pode demonstrar certa censura a este tipo de leitura, classificada de “literatura excêntrica” (Q.2), que demonstra conotações culturais de quem à classificou.



FIGURA 3 – Capa do livro Entrevistando Jenifer

Fonte: http://www.sebodomessias.com.br/loja/imagens/produtos/produtos/26549_608.jpg

Livro de Paola Milano, escritora italiana que vive no Brasil há vários anos, foi publicado em 2001 pela Geração Editorial que o descreve como um livro “picante e misterioso”.

Segundo Milano (2001, p. 7), tudo que ela fez foi “transcrever” as respostas dadas por Jenifer, uma adolescente de 12 anos que narrou sua história à autora. Na obra está descrita a iniciação sexual da jovem Jenifer, que conta em minúcias todas suas descobertas dos jogos amorosos, seja com sua prima, uma amiga muito querida ou um vizinho mais velho.

A narrativa é crua e pode até ser considerada um pouco desapropriada para pessoas mais conservadoras, como por exemplo, no trecho: “- O cara pegou a minha mão e colocou no *pau* dele, [...] Eu não sabia que ele tinha tirado pra fora. Ele me obrigou a pegar aquele troço enorme.” (MILANO, 2001, p. 39, grifo do autor)

Em entrevista ao site da Editora Geração Books, a autora diz que, apesar de ser um pouco politicamente incorreto, seu romance tem um final moralista:

- Admito que o romance é atrevido e, em certos trechos, politicamente incorreto – diz Paola Milano de seu esconderijo, quem sabe com algum sorriso maroto – mas o final é mesmo moralista. Faz sentido com a vida real e, no final das contas, Jenifer é uma boa menina que escapa com sucesso dos lobos, mas não do seu destino. (MILANO, 2001, p. 3)

Um fato que chama bastante atenção nesta obra é que consta em sua ficha catalográfica o número de classificação 155.53, correspondente na CDD a “psicologia de adolescentes” com ênfase a comportamentos sexuais, pois não se consegue vislumbrar na mesma obra nenhum traço de teorias no ramo da psicologia ou assunto correlato. Isto destoa com a classificação adotada pela BN, que a classifica sob número 808.899282, que de acordo com a Classificação Decimal de Dewey (CDD) está relacionado a obras da “literatura infanto-juvenil”.

Em cinco sites pesquisados a obra foi classificada de “picante”, “sensual” e erótica, como também de “literatura estrangeira” relacionada à sexualidade. Na Biblioteca de Lisboa a obra recebeu o número 82-993 (literatura erótica).

Neste caso houve apenas uma pesquisa à ficha de catalogação existente na obra por parte dos alunos envolvidos na pesquisa e isto pode ser afirmado mediante a observação da coincidência existente entre as classificações atribuídos por estes em relação a classificação encontrada naquela:

- 159.922.1 (psicologia do sexo) (Q.1)
- 82.311.1 (romance psicológico) (Q.10)

Esta obra é mais um exemplo onde se pode afirmar haver algum traço cultural de quem a classificou, pois se o leitor mais atento analisar todas as respostas dos dois questionários (Q.1 e Q.10) notará certa sincronia de opiniões sobre temas como homossexualidade e religião, masturbação e casamento ou uma censura à própria obra que revela de modo estarrecedor a sexualidade de uma adolescente.

4.1.4 Sacher-Masoch

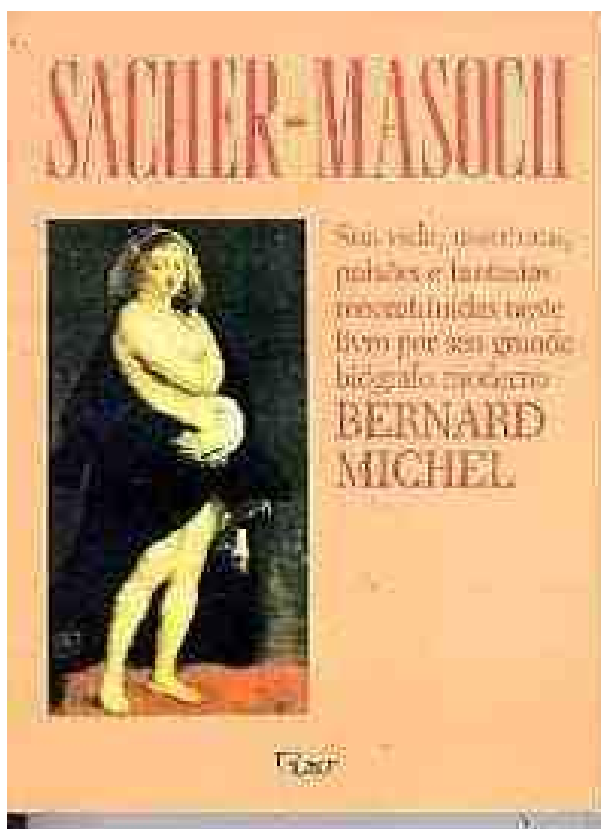


FIGURA 4 – Capa do livro Sacher-Masoch

Fonte: http://user.img.todaoferta.uol.com.br/F/E/GB/6S15ZB/bigPhoto_0.jpg

Escrita por Bernard Michel, biógrafo francês, e publicado no Brasil em 1992, trata-se da biografia do escritor Leopold Sacher-Masoch, nascido na Galícia, província do sul da Polônia. Escritor desconhecido ficou famoso após ter seu nome relacionado a certo “tipo especial de perversão sexual” denominado pelo psiquiatra vienense Krafft-Ebing de “masoquismo” (MICHEL, 1992, orelha).

Segundo o autor, a vida de Sacher-Masoch foi uma mistura de violência, aventura exotismo e erotismo e seu livro mais famoso “A Vênus das peles”, retrata a mulher dominadora, cruel e superior. Isto pode ser comprovado pelo trecho abaixo:

- Agora chicoteie-me, gritou o homem inebriado de volúpia.
Ela riu e tomou impulso para um golpe que com uma força cruel o atingiu nas costas;” (MICHEL, 1992, p.193)

Talvez por se tratar de uma obra biográfica, não foram encontradas discrepâncias de classificação entre a ficha catalográfica da obra e a BN. Em ambas encontramos o número 928.3 que define uma obra biográfica de escritores.

Talvez a obra de Bernard Michel tenha a possibilidade de ser rapidamente recuperada em uma biblioteca, ou fadada ao esquecimento, dada as mais variadas classificações que lhe foram atribuídas pelos sebos pesquisados na Internet, senão vejamos:

- Literatura estrangeira
- Biografias
- Sexualidade
- Crítica literária
- Outros assuntos

Entre os alunos houve um consenso em relação a obra ser uma biografia, mas com algumas variações:

- 929:82-94 (biografias/diários, biografias) (Q.2)
- 82-94 (diários, biografias) (Q.2)
- -029:82-7 (-029 não encontrado/prosas satíricas, obras humorísticas) (Q.2)
- 82-94+82-993 (biografias+literatura erótica) (Q.3)
- 616.89 (masoquismo) (Q.7)

Esta obra foi escolhida para a pesquisa pelo fato de ser um exemplo clássico de como os valores culturais do classificador às vezes está nítido em suas escolhas no momento de tratar com assuntos que, de alguma maneira, fogem dos seus conceitos de valor.

A vida do escritor Leopold Sacher-Masoch foi biografada por Bernard Michel, um biógrafo francês, mas, por ser o biografado um personagem que teve sua vida sempre ligada à sexualidade e seu nome usado para definir uma patologia psiquiátrica, ou uma forma de prazer sexual, é de se esperar que ocorram as mais variadas formas de classificá-la.

4.1.5 A História de O



FIGURA 5 – Capa do livro História de O

Fonte: http://4.bp.blogspot.com/_2Wg0zvT47O8/SIUob9a54vI/AAAAAAAAAGg/_Y_yMhrggml/s400/Hist%C3%B3ria%2Bde%2BO.JPG

Escrito pela francesa Pauline Réage, esta obra só foi publicada em 1954, em francês, após a morte da autora. É uma história de sadomasoquismo onde a protagonista, uma jovem fotógrafa parisiense, é submetida a todo tipo de submissão feminina. Ela tem a vista vendada, acorrentada, chicoteada, marcada, obrigada a usar máscara e ensinada a estar sempre disponível para todo tipo de relação sexual, seja oral, vaginal ou anal. Trata-se de um clássico do gênero erótico na mesma linha de “Vênus de pele” de Sach-Masoch, pois tem o sadomasoquismo com tema principal. No início a jovem joga como dominada, passando a gostar de ser escrava à medida que resiste à tortura.

Em fevereiro de 1955, quando o livro ganhou um prêmio de literatura na França, seu editor foi acusado de obscenidade pelas autoridades. Apesar das acusações serem rejeitadas pelos tribunais, ocorreu um boicote publicitário que durou longos anos. Isso deve ter ocorrido pelo fato da sociedade da época não

estar preparada o suficiente para entender que a sexualidade pode ser às vezes vivida em momentos que fogem a aceitação da maioria.

Segundo informações contidas nas orelhas do livro, somente depois de quatro décadas é que se soube sobre a verdadeira autoria da obra, que começou a ser escrita como singelas cartas de amor que eram endereçadas a Jean Paulhan que prefaciou a obra onde fala da “impiedosa decência do texto”. Dominique Aury, nascida Anne Desclos, tinha como único objetivo provar ao editor que uma mulher poderia produzir uma literatura erótica de qualidade.

Para que o leitor possa ter uma noção do grau de sensualidade empregada pela autora, abaixo estão alguns trechos da obra. Leiam atentamente e tirem suas conclusões:

As mãos não tinham luvas e uma delas penetrou-a dos dois lados ao mesmo tempo, tão bruscamente que ela gritou. [...] e um dos homens, segurando-a pelos quadris com as duas mãos, penetrou-a. Depois, um segundo. O terceiro quis buscar o caminho mais estreito, forçando bruscamente, e ela berrou. (RÉAGE, 2005, p.37-39).

As mãos dela, que estavam para trás [...] René lhe atara os punhos juntando a argola dos braceletes, foram tocadas pelo sexo do homem que se acariciava passando-o pelo sulco das ancas. (*Id.*, p. 60).

Para Paulo Francis, (*apud* Reage, 2005, orelha do livro) “o toque de Reage é mágico e a *História de O* não é porca, sórdido ou monótono, como pornografia em geral [...] Hoje, agradaria a quem gosta de literatura erótica...”.

Esta obra que é considerada um clássico da literatura erótica mundial, foi classificada pelo Sindicato dos Editores de Livros em sua ficha de catalogação sob o número 843, correspondente na CDD à “Literatura Francesa”. Em seus descritores, a ficha catalográfica faz menção à “ficção erótica francesa”, fato que não ocorreu no catálogo on-line da Fundação Biblioteca Nacional, que apenas consta o número de classificação da literatura francesa (843).

A impressão que temos quando tomamos conhecimento das classificações que recebeu a obra em diversos sebos pesquisados na Internet é que a obra de Pauline Réage até hoje causa algum embaraço nas pessoas que se deparam com seu conteúdo, pois a obra foi classificada até de “religião”:

- Literatura estrangeira (sebos do Marcão, Ousados, Torre do tombo, Rino livros, etc.)
- Sexualidade (Alice Camargo)
- Religião (livraria Phyllos)

- 821.133.1 (literatura italiana) (biblioteca municipal de Lisboa)

Ao contrário do ocorrido acima, os alunos envolvidos na pesquisa foram mais criteriosos em suas classificações, especificando até a nacionalidade do autor da obra, mas podemos perceber a presença dos valores culturais em detrimento a imparcialidade do classificador nos descritores (Q.9). Voltaremos nesse assunto em nossas conclusões finais.

- -029:82-993(44) (literatura erótica da França) (Q.6)

- 82-993 (literatura erótica) (obs.: usou descritores: literatura licenciosa, lasciva, erótica, pornográfica) (Q.9)

4.1.6 Henry e June: delírios eróticos



FIGURA 6 – Capa do livro Henry e June: delírios eróticos

Fonte: http://1.bp.blogspot.com/_lyZvyGFRi0k/So4VW_M14UI/AAAAAAAAACnk/ew9x_8An--w/s320/henry+june.jpg

Esta obra foi retirada dos diários de Anaïs Nin, que somavam mais de 15 mil páginas datilografadas quando de sua morte em janeiro de 1977 e que foram publicados integralmente na França reunidas em 7 volumes. Ela narra as paixões da autora pelo escritor norte-americano Henry Miller e sua mulher June. Para a

escritora, a obra de arte tem que ser, antes de tudo sincera, portanto neste livro está revelado um lado desconhecido e angustiado da relação entre os três.

Esta sinceridade afirmada pela autora pode ser confirmada pelos trechos abaixo:

“- Eu quero beijá-la – digo.

- Eu quero beijá-la – diz June, e oferece sua boca, que eu beijei durante muito tempo.” (NIN, 1995, p.28)

“Logo estamos deitados lado a lado. Ele penetrou em mim, mas seu pênis de repente para de se mover e se torna mole.

Eu digo sorrindo: - Você não queria foder hoje” (*Id.* ,p.120)

A Fundação Biblioteca Nacional classificou o livro “Henry e June: delírios eróticos” com o número 818 que na CDD designa “literatura americana” e relacionou aos assuntos: escritores americanos – diários – relações com homens – relações com mulheres. Esta mesma numeração consta em sua ficha catalográfica, que ainda trás o número 820(73)-8 que na CDU é o número de classificação para “Literatura de língua inglesa” publicada nos Estados Unidos.

Classificações dos sites:

- Diários
- Literatura moderna internacional erótica
- Series eróticos
- Literatura estrangeira

Palavras relacionadas: amor, desejos sexuais, erotismo, escritores franceses, biografia, sexo.

Classificação dada à obra pelos estudantes:

- 82-94+82-993”19” (73) (biografia/literatura erótica/séc.XX/EUA) (Q.3)
- 82-993 (literatura erótica) (Q.4)
- 82-993+82-94:616.89-008.442.36 (literatura erótica/ inversão sexual /homossexualidade) (Q.5)
- 82-993+82-94:616.89-008.442.36 (literatura erótica/ inversão sexual /homossexualidade) (Q.6)

4.1.7 Transplante

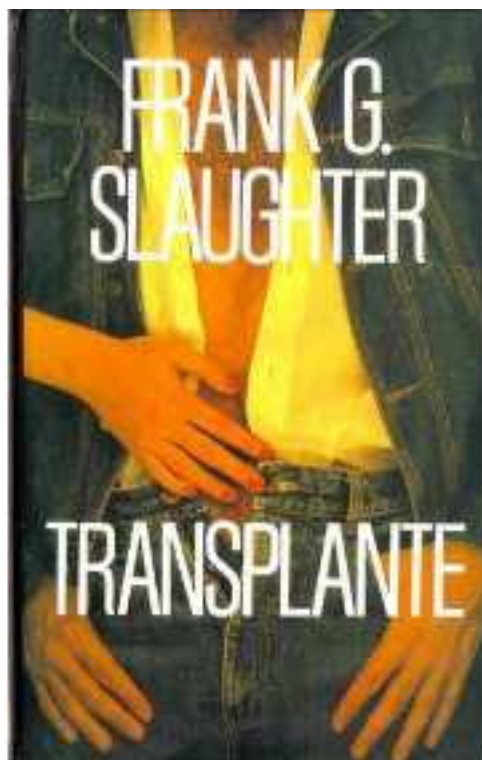


FIGURA 7 – Capa do livro Transplante

Fonte: http://user.img.todaoferta.uol.com.br/0/B/QN/LDEFVCV/bigPhoto_0.jpg

Esta obra escrita pelo norte-americano Frank Slaughter que usa de sua grande experiência como médico de formação para focalizar em sua literatura situações dramática inerente à sua profissão.

“Transplante” narra a história dos gêmeos Bart Bartlemy e Henry Walters que são separados logo ao nascerem e trinta e dois anos depois, eles se reencontram. Num acidente de carro, Bart morre e Henry tem seus órgãos sexuais extirpado. No hospital aonde são levados, um transplante é bem sucedido, mudando de vez a vida de Henry, que passa de um pacato escritor de livros medíocres a um conquistador insaciável. Isto tudo acontece quando Henry decide pesquisar a vida do irmão morto, um ator famoso de filmes pornô, para a conclusão de um livro seu.

Apesar da conotação sexual que a obra pode ter por tratar de um transplante de um pênis masculino e tudo que esta operação acarreta à vida que quem o recebeu, o autor transcreve as aventuras sexuais do personagem com bastante delicadeza e conta a estória de Henry com uma carga maior de suspense do que erotismo:

“... os lábios cheios e maduros dos beijos que tinham trocado durante as longas horas de paixão antes da meia noite, quando finalmente tinham pegado no sono, exaustas.” (SLAUGHTER, 1986, p.58)

“- Lembro que chegamos ao clímax várias vezes juntos ontem a noite – admitiu Henry, enquanto acabava de se vestir. – E foi maravilhoso.” (SLAUGHTER, 1986, p.76)

“Agora, explorando com os dedos, delineou os contornos inconfundíveis dos seios, os mamilos túrgidos sob seus dedos, a pele da aréola em torno ficando arrepiada e firme a seu toque.” (SLAUGHTER, 1986, p.171-172)

Não foi encontrada ficha catalográfica na folha de rosto da obra e na Fundação Biblioteca Nacional a obra de Slaughter está classificada como “romance da literatura americana” sob numero 813 (CDD).

Nos sites dos sebos visitados não se pode vislumbrar nenhuma disparidade com o conteúdo da obra e sua classificação. Entre os alunos que participaram da pesquisa somente um pode ter sido levado pelos seus valores culturais (Q.8), relacionando a obra na área da medicina por se tratar de um transplante ou ao fato de ter sido escrita por um médico.

- Literatura estrangeira
- Suspense e mistério (livraria do crime)

Classificações dos alunos

- 616.4 (órgãos sexuais masculinos) (Q.8)
- 82-31 (romance de aventura) (Q.9)

4.1.8 Os Cogumelos Mágicos de Xaviera Hollander

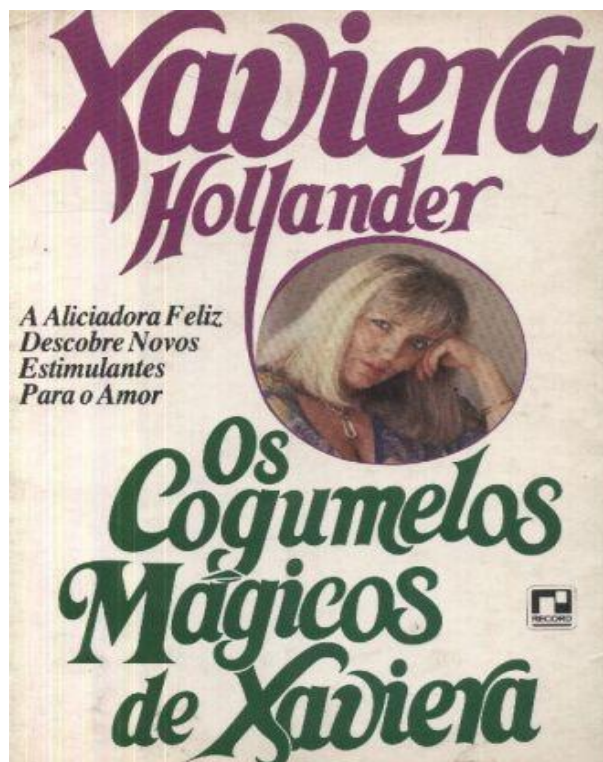


FIGURA 8 – Capa do livro Os Cogumelos mágicos de Xaviera
(Fonte: <http://www.traca.com.br/livro/85671/>)

Talvez a obra mais “ousada” entre todas as escolhidas para este trabalho, “*Os cogumelos mágicos de Xaviera*”, foi escrito pela ex-prostituta, nascida Vera de Vries na Indonésia em 1943, que ficou conhecida como a escritora Xaviera Hollander. O sucesso de seus livros pode ser atribuído ao fato de conter em suas páginas alguns dos casos mais picantes que a autora teve com seus clientes de ambos os sexos e variadas preferências sexuais durante a época em que era dona do prostíbulo mais famoso de Nova York e freqüentado por personalidades de renome.

Nesta obra, uma espécie de diário de viagem, a autora descreve de maneira franca e “completa”, sua longa viagem por lugares exóticos, como Tailândia, Bali e Indonésia, em busca de novas sensações onde todos os sentidos são estimulados e novas experiências sensuais são vividas.

Por algumas passagens retiradas de seu texto, pode-se notar a ousadia da autora e sua franqueza quando se trata do relato de suas experiências sexuais:

Um pau grande sozinho não excita uma mulher, a menos que o homem movimentando todo o corpo gentilmente e quase todas as mulheres dizem que,

enquanto estão chupando, é bom sentir o homem investindo seu pau dentro da boca delas. (HOLLANDER, 1981, p.49).

Descreveu seu corpo, dizendo que tinha uma pica enorme, grossa e dura, apenas esperando por mim. Ele incluiu na carta uma fotografia sua e a de um casal fodendo, só para me deixar com tesão. (HOLLANDER, 1981, p.52)

Eu podia sentir minha vagina se dilatando de desejo e paixão. Era uma delícia vê-lo engatinhando no divã entre minhas pernas e enterrar a cabeça entre elas. Atriquei sua cabeça com as pernas, enquanto atingia meu primeiro orgasmo esparso. (HOLLANDER, 1981, p.62)

Como na obra anteriormente citada, nesta também não foi encontrada ficha de catalogação. Na Fundação Biblioteca Nacional está classificada com o número 920.930674 que se refere a “biografia de prostitutas” na CDD, que por si só já não deixa de ser uma classificação carregada de preconceitos e valores morais e culturais.

Tanto nos sebos pesquisados na Internet como nas respostas dadas pelos estudantes de biblioteconomia, encontramos classificações mais adequadas ao conteúdo da leitura da obra, sem alusão a antiga profissão da escritora em questão.

- Aventuras
- Literatura Estrangeira
- Assuntos: Autobiografias, memórias, viagens, prazer, sexualidade, etc.

Classificação dos alunos

- 82-993+82-94 (literatura erótica/biografias, diários) (Q 3)
- 82-993+82-94 (literatura erótica/biografias, diários) (Q.5)
- 82-993 (literatura erótica) (Q.7)
- 392.4 (namoro, casamento) (Q.8)

4.1.9 Uma Mulher Escandalosa

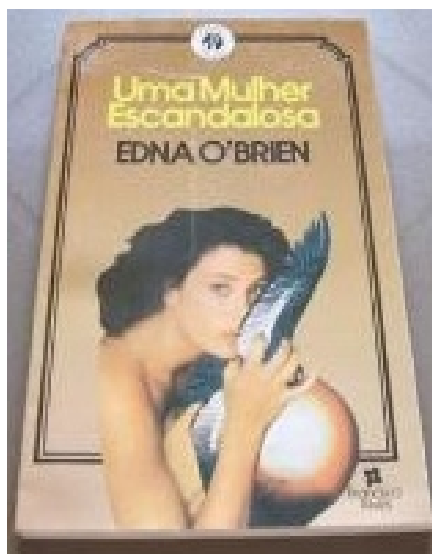


FIGURA 9 – Capa do livro Uma Mulher escandalosa

Fonte: http://img.mercadolivre.com.br/jm/img?s=MLB&f=88005816_2551.jpg&v=E

Mais uma obra escolhida com o intuito de analisar o quanto os valores culturais estão presentes na função de classificar. Ela talvez possa remeter a algum aspecto de sensualidade o que pode levar ao profissional classificador deixar que sua imparcialidade seja abstraída por estes.

Em “Uma Mulher Escandalosa”, a escritora Irlandesa Edna O’Brien apenas retrata o cotidiano de mulheres que vivem em um país machista e intolerante, “uma terra de crimes e uma terra de estranhas mulheres que respeitam o sacrifício” (O’BRIEN, 1982, p.42), onde a loucura ou a aceitação da traição são as únicas opções para a mulher cujo casamento fracassa.

Mas uma vez, a obra não contém ficha catalográfica. De maneira correta e de acordo com seu conteúdo, “Uma Mulher Escandalosa” está classificada na Fundação Biblioteca Nacional com o número que na Classificação Decimal de Dewey designa um “romance da literatura inglesa”: 823. Classificação também encontrada nos sebos pesquisados na internet:

Classificações dos sebos:

- Literatura estrangeira

Nas classificações dadas a obra pelos estudantes que participaram da pesquisa, uma única causa estranheza (Q.8). Outra (Q.1) não foi encontrada pela

professora, que ajudou na pesquisa na avaliação técnica das classificações, na Classificação Decimal Universal (CDU), usada na pesquisa.

- 621.111 (ñ encontrado) (Q.1)
- 821.417+82-34 (literatura irlandesa/contos) (Q.2)
- 364.62 (bem estar psicológico) (Q.8)
- 821.111 (literatura inglesa) (Q.9)

4.2 Análises dos Futuros Classificadores a partir dos Questionários

Como se pode perceber até este momento das análises, há indícios de que os processos classificatórios sofrem algum tipo de interferência. Tanto o fato de atribuir sentido a algumas dessas literaturas, como o fato de roubar-lhes sentidos explícitos puderam ser vistos até aqui. Na cultura – ensejada pelos respectivos sistemas ordenadores das morais, das éticas e dos valores – o ato de explicitar sentidos ou de omiti-los guarda muita relação com as arbitrariedades simbólicas das culturas a emprestarem sentidos – explícitos ou implícitos – às coisas.

Por essa razão, optou-se metodologicamente neste trabalho por fazer algumas inferências sobre os perfis culturais dos alunos e suas respostas aos exercícios de classificação. Vejamos as respostas.

Percentuais dos questionários por perguntas:

1 - idade: entre 20 e 49 anos sendo que:

50% entre 20 e 23 anos e 30% não declarou idade

2 – sexo: foram administrados 10 questionários e 9 respondentes assinalaram a opção feminino ou seja: 90%.

3 – religião: dos 10 participantes da pesquisa 6 eram católicos, 2 evangélicos e 2 declararam não ter religião dando um percentual de : 60% católicos

20% evangélicos e

20% não têm religião

Obs.: nenhum se declarou espírita, umbandista ou agnóstico

4 – incesto:

Quando perguntados sobre o que acham do incesto, apenas oito (80%) responderam, sendo que a maioria de 50% (4 respondentes) acham que o incesto é contra a religião, 37,5% (3 respondentes) acham abominável e 12,5% (1) acha que é contra a lei.

Observe-se que as respostas trazem um certo ranço cultural. Ser contra a religião ou contra a lei indicia que estas são determinações paradigmáticas de construções de sentido. Ou seja, está em jogo os atributos simbólicos que emprestam sentidos culturais ao incesto, ainda que em muitas tribos e culturas do passado o sexo entre irmãos, por exemplo, era uma marca da cultura e não uma aberração cultural.

5 – aborto:

Em relação à questão do aborto:

40% dos entrevistados são a favor do aborto em alguns casos

10% são a favor em todo caso

30% são contra em todo caso e

20% contra somente em alguns casos.

Do mesmo modo, o aborto é visto entre o erro fatal cristão e a possibilidade jurídica. Ou seja, a primeira simbolização do aborto já aparece negociada com os novos entendimentos socioculturais do ato de abortar.

6 – homossexuais:

Sobre a aceitação dos homossexuais, 60% dos entrevistados aceitam sem restrições e 20% aceitam também, apesar de não os compreenderem. Ainda, 20% declararam achá-los contra a lei de Deus (obs.: estes se declararam evangélicos).

Perceba que a “não compreensão” tem um caráter discriminatório. Ou seja, não se compreende a diversidade de sentido atribuído por outrem ao sexo entre parceiros de genitália iguais. De novo a imposição do sentido cultural arbitrado, conforme nos ensina a antropologia cultural, conforme visto no início deste trabalho.

7 - casamento entre homossexuais:

Sobre este assunto houve uma igualdade de percentuais de 50%.

Entre os que se declararam a favor pode-se notar que para alguns é somente uma questão legal: “para compartilhamento dos bens após a morte de um dos dois, pois geralmente a família se impõe...” (Q.7) e para outros seria algo mais de cunho sentimental: “porque cada um tem direito de viver com a pessoa que ama e da forma que se sente bem” (Q.3)

Entre os contrários, a maioria parte do princípio que é algo contra a religião e as leis divina. “porque é contra a Bíblia, que é a palavra de Deus” (Q.6) ou apenas algo que vai de encontro seu julgamento pessoal: “acho sem sentido” (Q.8)

Não apenas a Bíblia aparece aqui como representante cultural de construtos simbólicos, mas a própria explicação da negação do referido casamento. Tal casamento fere os valores e ditames atribuídos ao nosso estar no mundo. Isso pode levar qualquer classificador desavisado a arbitrar juízos de valor às obras classificadas.

8- masturbação:

Uma maioria de 60% preferiu não responder quando perguntados sobre masturbação e 30% declararam ser contra e não se masturbam. Um respondente (10%) se absteve de responder a pergunta.

Diante do percentual de 90% dos pesquisados ser do sexo feminino e 60% preferiram não responder, pode-se afirmar que este é um assunto ainda tabu entre as mulheres.

9 – luto:

Notou-se nesta questão que os entrevistados não acreditam na simbologia do uso de roupa preta para representar o sentimento de luto diante da perda de um ente querido, pois 60% responderam não achar que o preto representa luto.

Porem 30% ainda acha que sim, que o preto representa luto e 10% respeita a tradição do uso do preto como representação de luto, apesar de não vesti-lo.

10 – cinema:

Percebeu-se que todos os entrevistados freqüentam cinemas mesmo que raramente (30%), somente às vezes (50%) ou sempre (30%).

11 – filmes pornográficos

Nesta questão sobre se os entrevistados assistiam a filmes pornográficos ficou claro que a maioria tem tendência a ser maleável á novidades ou pelo “proibido”, já que dos 70% que afirmaram já ter assistido a filmes pornográficos, 50% assistiu-os por curiosidade.

Dos entrevistados 30% declararam nunca ter assistido a filmes pornográficos e 10% afirmou que, apesar de ter assistido, não gostou. O único que assistiu e gostou (10%) foi o respondente que declarou ser do sexo masculino.

O que se pôde observar no ato das respostas, foi um certo constrangimento da maioria em se relacionar com o tema masturbação. De novo, a presença do processo ordenador, que atribui sentidos às coisas, causando rubores àqueles que ousem “burlar” esses sentidos.

12 – nu artístico:

Quando perguntados se fariam um trabalho de nu artístico 70% responderam que não fariam, mas os 30% restantes fariam um nu artístico dependendo do pagamento por este trabalho.

13 – literatura erótica:

Metade dos alunos que responderam aos questionamentos (50%) declarou NÃO gostar de literatura erótica:

Dois (2) admitiram que não lêem esse gênero literário porque se interessam por outros gêneros: “prefiro suspense, drama e outros gêneros mais humorísticos” (Q.2). Aqui vale salientar que este mesmo respondente classificou “*memórias do pinto*”, classificada pela maioria como uma obra humorística, de “literatura excêntrica” enquanto o respondente do questionário de nº 3, que declarou que as obras eróticas “não fazem muito meu estilo”, classificou todas as obras que lhe foi solicitada de “literatura erótica”(Q.3). Nota-se que mesmo empregando a

palavra “estilo”, que pode está relacionado com seus valores culturais, o respondente foi imparcial nas suas classificações.

Dois afirmaram que NUNCA leram este gênero literário por falta de interesse (Q.1 e Q.4) e classificaram as obras a eles atribuídas como “excessos sexuais” e “libertinagem”. Um afirmou que este tipo de leitura “não acrescenta em nada em minha vida intelectual, social ou espiritual” (Q.7) apesar de usar a classificação “literatura erótica” em todas as obras que classificou o que demonstra total imparcialidade no momento de classificar este tipo de literatura.

Dos que declaram ler este tipo de leitura as justificativas foram por diversos motivos:

“Acho bastante interessante e chamativa” (Q.8)

“Não vejo nada além, se não um estilo de literatura” (Q.9). Usou palavras como “literatura licenciosa”, “lasciva”, “pornografia”, para classificar as obras que lhe foram atribuídas.

“Porque acho diferente e contribui para matar, às vezes, a curiosidade” (Q.10).

O respondente de questionário de nº 6 não respondeu.

14- Aliança como símbolo de união entre casais:

Entre os 10 entrevistados pode-se perceber que a grande maioria considera o uso da aliança um símbolo de união entre os casais (70%).

“Acho uma simbologia romântica, e uma relação de compromisso” (Q.10)

Um dos entrevistados afirmou que acha o uso da aliança entre os casais como simbologia de união “sem necessidade, acho modismo e talvez costume que não representa pra mim nada” (Q.4). O entrevistado de questionário de nº 6 se absteve mais uma vez.

15- Tradições:

Quando perguntados sua relação com as tradições seculares 70% afirmaram não ser “fiéis” as mesmas. Um fato interessante que se pode notar nesta questão entre os respondentes e sua fidelidade às tradições seculares, ou a tradições culturais que é repassada de geração a geração e que muitas vezes tornam-se ultrapassadas ou caem em desuso, está no tocante ao respondente de questionário cinco (Q.5). Mesmo afirmando ser infiel às tradições seculares ao

mesmo tempo em que se considera uma pessoa “conservadora, é a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo e acha que a aliança é um representa um símbolo de união entre os casais. Classificou as obras que lhe foi atribuída, segundo a análise técnica da professora Fátima Fontenele, apenas pela classificação geral da literatura, não especificando o gênero e nem colocando nenhuma indexação verbal. Talvez isso decorreu porque ele procura “não pormenorizar as coisas e refletir **o seu** ponto de vista” (Q.5, grifo do autor).

Entre os 30% (3) que se consideram fieis mais uma vez o casamento entre pessoas do mesmo sexo foi aceito (Q.9). Note que este respondente apesar de achar gostar de ler livros eróticos porque não, segundo o mesmo, “não vejo nada alem, se não um estilo de literatura”, usou palavras como “literatura licenciosa”, “lasciva” e “pornografia” para indexar a obra “A historia de O”. Os demais que são fieis as tradições e contrários ao casamento entre pessoas do mesmo sexo porque é “contra as leis de Deus e dos homens” (Q.1) e “contra a Bíblia, que é a palavra de Deus” (Q.6) a classificação das obras foram bastante especificas segundo a professora.

16 – Moda:

Todos afirmaram não seguir a moda vigente tendo um estilo próprio o que nos dá um percentual de 100%.

17 – Conteúdos das telenovelas:

Esta pergunta continha três tipos de conteúdos: Pornográficos, Eróticos e Sensuais que foram citados nas respostas da seguinte maneira:

Conteúdos eróticos: 07 vezes;

Conteúdos sensuais: 04 vezes;

Conteúdos pornográficos: 03 vezes

18 – Imparcialidade:

Quando perguntados sobre sua imparcialidade nos julgamentos em detrimento a opinião dos outros 80% responderam que pensa com calma e pondera seus julgamentos.

O respondente do questionário de nº 03 afirmou ser imparcial em seus julgamentos e classificou as obra que lhes foram atribuídas como “literatura erótica”.

Somente o respondente do questionário nº 08 afirmou seguir sempre a opinião geral.

19 – Valores culturais:

Quando perguntados sobre a interferência dos valores culturais em suas vidas 40% assumiram que seus valores culturais interferem de alguma maneira nas suas escolhas.

Analisando as respostas dadas podemos perceber que, mesmo assumindo essa interferência, os respondentes se mostraram um tanto esquivos a essa interferência, tentando transparecer que são “senhores” de suas escolhas:

“Influenciam em algumas escolhas, mas costumo agir mais instintivamente ou procurando racionalizar bem antes de fazer qualquer julgamento ou análise” (Q. 2). Segundo a análise técnica de suas classificações o respondente “tentou acertar a classificação misturando o geral com o específico” e na indexação verbal “não usou os termos específicos”. (ver apêndice).

“Interferem muitas da forma de perceber as coisas, onde fico muitas vezes presa a pré-conceitos de coisas que não vivi e que, portanto não poderia discernir sobre o que vem a ser (Q. 4). Usou corretamente o número de classificação com o termo de indexação.

“Meus valores culturais, ou melhor, minha lente de aumento, permite que eu enxergue bem e que pondere com mais cautela algumas vezes [...] A interferência que talvez aconteça, se dá de modo pensado.” (Q. 5). Classificou as obras que lhe foram atribuídas de forma geral dentro da literatura sem ao menos especificar o país de origem do autor e não indexou verbalmente nenhuma das obras.

“Claro, o que aprendemos durante a vida sempre guia o modo que vamos reagir a alguma situação.” (Q. 7). Dos três livros analisados, o respondente apenas seguiu a classificação encontrada na ficha de catalogação da obra.

Os valores culturais familiares como norteador de suas escolhas foram indicados por 20% dos respondentes:

“Eterno conflito, pois muitas coisas não são entendidas pela minha família que é muito tradicionalista” (Q. 3).

“Não sou tão moderna quanto às pessoas da minha sociedade são. Tive uma educação muito formal. Porém sei ser flexível para com os outros.” (Q. 9).

Um dos respondentes deixou claro que é a religião que influencia sua vida, o que não deixa de ser um valor cultural:

“Vivo ou pelo menos tento viver minha vida conforme a palavra de Deus, isso pra mim é a única coisa que importa e tudo que for contra essa palavra, eu sou totalmente contra.” (Q. 6)

Como podemos perceber nas afirmações acima, os valores culturais, familiares ou religiosos influenciaram de alguma maneira nas classificações adotadas para cada obra que foi analisada por cada aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Peço permissão agora aos leitores deste trabalho para, a partir desse momento, posicionar-me sobre o assunto aqui abordado.

Como foi exemplificado na Introdução acerca de uma classificação, que suscitou certa curiosidade do porque foi escolhido tal código classificador e até que ponto os processos culturais influenciaram ou não nesta classificação, colocarei aqui outro exemplo colhido na mesma instituição:

“Acariciava, engolia, lambia, mamava e sorvia a glândula, a cabeça da rola sem juízo e sem nenhuma ética daquele pobre e feliz professor de Filosofia.” (ARETINO, 2006, p.20)

“- Vou estourar-lhe a boceta, minha putinha predileta. Sophie deu um grito de prazer, e pediu a Clouseau que falasse mais, que dissesse outras expressões semelhantes.” (ARETINO, 2006, p.28)

“Quando o mestre a despiu e começou a pesquisar sua xota suculenta com seu intrometido caralho, Lourdes foi se entregando, remexendo loucamente as ancas, o rabo roliço e gostoso,...” (ARETINO, 2006, p.49)

Como podemos perceber nestes trechos retirados da obra “*As aventuras do Professor Closeau*”, trata-se de uma temática de literatura erótica e como tal foi classificada na Instituição citada acima (ver Anexo B).

Não podendo afirmar que as duas obras foram classificadas pelo mesmo profissional, cabe apenas colocar aqui algumas considerações embasado nas análises feitas ao longo de minhas pesquisas, dos questionários administrados junto aos futuros bibliotecários e na minha vivência como graduando do curso de Biblioteconomia.

Pelas diversas classificações dadas pelos alunos que participaram desta pesquisa às obras que lhes foram destinadas, bem como nas divergências de classificação encontradas em outros meios, podemos considerar que classificar é um ato subjetivo. Esta subjetividade está relacionada ao ponto de vista que cada pessoa tem de cada coisa a sua volta, a sua realidade, as suas posturas diante da vida, seus conceitos ou pré-conceitos, a sua formação familiar ou religiosa. Isto, como se pode perceber, está intrinsecamente ligado aos processos culturais de cada um, ao seu caráter pessoal ou moral.

Por mais que se espere de um classificador a imparcialidade e ética no tocante às mais diversas atividades por ele executada, torna-se quase que humanamente impossível que seu lado pessoal não esteja presente quando está classificando uma obra. E isto fica mais visível quando se trata de um assunto tão melindroso que é a sexualidade humana.

Vejamos as frases abaixo:

“Levanta-te, vento do norte, e vem tu, vento sul, assopra no meu jardim, para que destilem seus aromas. Ah! Entre o meu amado no jardim, e coma os seus frutos excelentes!” [4:16]

“As voltas de tuas coxas são como jóias... Os teus peitos, como dois filhos gêmeos da gazela.” [7:1-3]

“Quão formosa e quão aprazível és, ó amor em delicias!... Subirei à palmeira, pegarei em seus ramos; e, então, os teus peitos serão como os cachos” [7:6-8]

Possivelmente qualquer pessoa mais desatenta possa achar que estes trechos foram retirados de alguma obra da literatura erótica, mas qual será sua surpresa ao ser informado tratar-se de trechos retirados do livro “Cântico dos Cânticos” da Bíblia.

Diante de tudo que foi analisado neste trabalho que lhes apresento e pelas experiências acumuladas durante a minha vida acadêmica como aluno de biblioteconomia, seja durante as aulas práticas e teóricas ou nos estágios, como responsável do tratamento técnico de acervo em duas oportunidades como bolsista, só me resta aqui algumas considerações finais.

A ação de classificar não é puramente técnica, ela é subjetiva, está sujeita a cognição pessoal. Volto a afirmar que cada pessoa tem um ponto de vista próprio de vislumbrar a realidade que o cerca e seu histórico de vida particular. Portanto, mesmo usando as técnicas de classificações e os códigos criados para este fim, não se deve esquecer os vários processos culturais que estarão embutidos em cada uma das suas escolhas.

É preciso para a formação de bons profissionais preparados para classificar qualquer documento que caia em suas mãos, e que este documento seja facilmente recuperado pelo usuário de seu serviço informacional, o uso da interdisciplinaridade de forma mais concreta entre as disciplinas. Ao longo do período de formação acadêmica, temos aulas de Sociologia, Filosofia, Cultura e

Mídia, Teorias da Comunicação, Estudo de Usuários, Teoria e Prática da Leitura e tantas outras que servem de aporte teórico para as futuras disciplinas que irão preparar o docente nas práticas do fazer bibliotecário relacionado ao tratamento técnico de um acervo, bem como sua recuperação pelo usuário.

Deve-se levar em consideração que, apesar do respeito aos códigos estabelecidos de classificação, ao conteúdo da obra, a sua autoria e ao usuário que procurá-la para leitura, quem classifica é um ser humano com suas próprias convicções, sua subjetividade e sujeito a preceitos que lhe foram ensinados pelas interações sociais que advêm dos processos culturais que está exposto. Isto pode ser observado pelas diferentes classificações que foram atribuídas as obras usadas nesta pesquisa como exemplo.

Esperando que este trabalho sirva de subsídio para futuros debates a este respeito, agradeço a paciência dos que o leram até aqui.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, M. F. Ciência e ética na pluralidade religiosa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIOÉTICA, 5., 2004, Recife: [s. n.], 2004.
- ARETINO, A. **As aventuras do Professor Closseau**: ficção e ensaio crítico da moral erótica moderna. Fortaleza: ABC Editora, 2006.
- AS IDADES do prazer. São Paulo: Ícone; Editora Imaginário, 2005.
- ASH, W. **Marxismo e moral**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965. 176 p.
- BÍBLIA SAGRADA. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980.
- CINTRA, A. M. *et al.* **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis: APB, 1994. 72 p.
- DAWKINS, R. **O Gene egoísta**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1999.
- DEWEY, J.; CARVALHO, L. G. **Teoria da vida moral**. São Paulo: IBRASA, 1964. 159 p.
- GIGANTE, M. C. Os sistemas de classificação bibliográfica como interface biblioteca/usuário. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2, 1995.
- GRENSLER, H. **Ética e relativismo cultural**. Disponível em: <http://criticanarede.com/fil_relacultural.html>. Acesso em: 02 out. 2009.
- HOLLANDER, X. **Os cogumelos mágicos de Xaviera**. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- KAULA, P. **Repensando os conceitos no estudo da classificação**. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/kaula/index.htm>>. Acesso em: 02 out. 2009.
- LANGRIDGE, D. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.
- LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- MICHEL, B. **Sacher-Masoch**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- MELHORAMENTOS minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1997.
- MILANO, P. **Entrevistando Jenifer**: bastidores da iniciação erótica de certas meninas. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

MOTOMURA, M. **Como era o sexo na Idade Média?** Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/historia/como-era-sexo-idade-media481346.shtml>>. Acesso em: 01 out. 2009.

MURAT, R. **Memórias do pinto**. São Paulo: Jaboticaba, 2004.

NIN, A. **Henry e June**: delírios eróticos. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

O'BRIEN, E. **Uma mulher escandalosa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1982.

PIEDEDE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. Cap. 11, p. 173-181.

RÉAGE, P. **História de O**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SLAUGHTER, F. G. **Transplante**. São Paulo: Circulo do Livro, 1986.

SOUZA, S. **CDU**: como entender e utilizar a Edição-Padrão Internacional em Língua Portuguesa. Brasília: Thesaurus, 2004.

SPRIGGS, Willian A. **O que é Psicologia Evolutiva?** Disponível em <http://www.cerebromente.org.br/n11/opinioao/evolutive-p.htm>. Acesso em 10 set. 2009

TÁLAMO, M. F. M.; LARA, M. L. G.; KOBASHI, N. Y. Vamos perseguir a informação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 52-57, set./dez. 1995.

TAYLOR, T. **A pré-história do sexo**: quatro milhões de anos de cultura sexual. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TRISTAO, A. M. D.; FACHIN, G. R. B.; ALARCON, O. E. Sistema de classificação facetada e tesaurus: instrumentos para organização do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 161-171, 2004.

VANNUCCHI, A. **Conceitos de cultura**. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/books/1771321-conceitos-cultura>>. Acesso em: 22 set. 2009.

WRIGHT, R. **O animal moral**: porque somos como somos: a nova ciência da psicologia evolucionista. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

APÊNDICES

Apêndice A – Modelo de Questionário

TÍTULO DO LIVRO: _____

Nº DE CLASSIFICAÇÃO: _____

QUESTIONARIO:

IDADE: _____

SEXO: ☐ FEM. ☐ MASC.

RELIGIÃO: ☐ CATÓLICA ☐ EVANGÉLICA ☐ ESPÍRITA
☐ UMBANDISTA ☐ AGNÓSTICO ☐ Ñ TEM RELIGIÃO

1º - QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O INCESTO:

☐ CONTRA A LEI ☐ CONTRA A RELIGIÃO ☐ ACEITÁVEL
☐ ABOMINAVEL ☐ Ñ TEM OPINAO FORMADA Á RESPEITO

2º - O QUE ACHA DO ABORTO?

☐ CONTRA EM TODO CASO ☐ CONTRA SOMENTE EM
 ALGUNS CASOS
☐ A FAVOR EM TODO CASO ☐ Á FAVOR EM ALGUNS CASOS

3º - O QUE ACHA DOS HOMOSSEXUAIS

☐ ACEITA SEM RESTRIÇÃO ☐ ACEITA MAS Ñ
 COMPREENDE
☐ ACHA QUE SÃO DOENTES ☐ SÃO CONTRA AS LEIS DE
 DEUS

4º - VC CONCORDA COM O CASAMENTO ENTRE DUAS PESSOAS DO MESMO SEXO?

☐ SIM PORQUE? _____
☐ NÃO PORQUE? _____

5º - O QUE ACHA DA MASTURBAÇÃO?

☐ SOU A FAVOR, ME MASTURBO
☐ SOU CONTRA, NÃO FAÇO ISSO
☐ PREFIRO Ñ RESPONDER

6º - VC ACHA QUE O PRETO REPRESENTA O LUTO?

☐ SIM ☐ NÃO
☐ ISSO É COISA DO PASSADO ☐ RESPEITA A TRADIÇÃO,
 MAS Ñ VESTE.

7º - VAI SEMPRE AO CINEMA?

☐ SIM, SEMPRE ☐ SIM, AS VEZES
☐ SIM, SIM RARAMENTE ☐ NÃO, NUNCA!

8º - JÁ ASSISTIU A FILME PORNOGRÁFICO?

☐ SIM, EU GOSTO ☐ SIM, VI POR CURIOSIDADE
☐ SIM, Ñ GOSTEI ☐ NÃO, NUNCA ASSISTI

9º - VC FARIA UM NU ARTÍSTICO?

() SIM, SEM PROBLEMA
PAGAMENTO

() SIM, DEPENDENDO DO
() NÃO

10º - VC GOSTA DE LEITURAS ERÓTICAS?

() SIM PORQUE? _____

() NÃO PORQUE? _____

11º - QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE O USO DA ALIANÇA COMO PROVA DE
UNIÃO ENTRE OS CASAIS?

12º - VC É FIEL A TRADIÇÕES SECULARES?

() SIM

() NÃO

13º - VC SEGUE A MODA VIGENTE?

() SIM

() NÃO, TENHO ESTILO PRÓPRIO

14º - VOCÊ IDENTIFICA NAS TELENÓVELAS CONTEÚDOS:

() PORGRÁFICOS () ERÓTICOS () SENSUAIS

15º - VC SE ACHA UMA PESSOA IMPARCIAL EM SEUS JULGAMENTOS, OU
SEGUE A OPINIÃO DE OUTRAS PESSOAS?

() SIM, SOU IMPARCIAL

() SIGO SEMPRE A OPINIÃO GERAL

() PENSO COM CALMA E PONDERO MEU JULGAMENTO

16º - DE QUE MODO OS SEUS VALORES CULTURAIS INTERFEREM NA SUA
VIDA? COMENTE.

OBRIGADO!

ANEXOS

Anexo A – A CASA DOS BUDAS DITOSOS

:: Informações sobre a obra escolhida

Título	<u>A Casa dos budas ditosos: luxúria</u>			
Série	Plenos pecados			
CDU	241.44			
Cutter	R484c			
Tipo da obra	Livro			
Código da obra	49346			
Autor(es)	João Ubaldo Ribeiro			
Assunto(s)	Luxúria			
Última Edição	Editora: Objetiva, Rio de Janeiro, 1999, 163p			
Volumes	Total	Disponíveis para Empréstimo	Cativos	Outros
Volume único	2	0	0	0

Fonte: <http://www.unifor.br/oul3/ObraSiteLivroTrazer.do?method=trazerLivro>

Anexo B – AS AVENTURAS DO PROFESSOR CLOSEAU

:: Informações sobre a obra escolhida

Título	<u>As aventuras do professor Closeau : ficção histórica e ensaio sociológico crítico da moral erótica moderna</u>			
CDU	92Closeau, J. M. P			
Cutter	A683a			
Tipo da obra	Livro			
Código da obra	70786			
Autor(es)	Altere Aretino			
Assunto(s)	Closeau, Jean Marie Pierre - Biografia Literatura erotica			
Última Edição	Editora: ABC Editora, Rio de Janeiro, 2006, 140p			
Códigos	ISBN: 85-7536-167-8			
Volumes	Total	Disponíveis para Empréstimo	Cativos	Outros
Volume único	35	35	0	0

Fonte: <http://www.unifor.br/oul3/ObraSiteLivroTrazer.do?method=trazerLivro>